



VAZIO(S)

IMAGINÁRIO(S)





# LAPINHA VAZIO(S) IMAGINÁRIO(S)

Trabalho final de graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, orientado pela prof<sup>a</sup> Paola Berenstein Jacques e Co-orientado pela prof<sup>a</sup> Ariadne Morais Silva para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Fizeram parte da banca avaliadora a prof<sup>a</sup> Elyane Lins, o prof<sup>o</sup> Eduardo carvalho e como convidado externo, o arquiteto Osnildo Adão Wan-Dall Junior.

M a t h e u s   S i l v a   L i n s

Salvador, dezembro de 2014



A todos que ajudaram direta e indiretamente na  
realização desse trabalho, aquele abraço!



*É importante, penso eu, compreender a natureza e a beleza da observação, a beleza do ver. Enquanto a mente estiver, de algum modo, deformada por pressões e sentimentos neuróticos, pelo medo, pelo sofrimento, pela doença, pela ambição, pelo esnobismo e busca de poder, ela não tem possibilidade de escutar, de observar, de ver.*

(Krishnamurti - Saanen, Agosto 7, 1969)

## **Introdução** 13

*Motivação pessoal, linha de pensamento, metodologia adotada, resumo do processo*

## **O Lugar** 17

*Escolha do lugar*

## **Vazio Imaginário** 20

### **Estudo do Vazio** *(a Lapinha e sua opacidade)* 22

Vazio geográfico

Vazio temporal

Vazio conveniente

## *Processos de apreensão do imaginário*

### **Lapinha imaginada** 28

*O meu imaginário antes do início do processo*

## **Criando Outros Imaginários**

### **Onde é a Lapinha?** 30

Delimitações por manchas

Outras histórias

### **Festa do 2 de Julho** 44

### **Igreja da Lapinha, uma mesquita?** 48

### **Festa de Reis** 54

*Aproximações e vivências*

### **Estandartes** 57

### **Locais de precariedade** *(apontados pela igreja)* 62

Ladeira São Francisco de Paula

Comunidade do Amarelinho

Av. Lourdes da Soledade

Av. Marina

Prédio Water Center (Água de Meninos)

### **Rua para carros e seus impactos** *(A Via Expressa)* 84

### **Moradores de rua no Sanatório Ana Nery** 90

# Sumário

## **Locais de Vulnerabilidade (Invisibilidades) 96**

*Definições*

*Mapa*

## **Vazio(s) Imaginário(s) - Os vazios do vazio 100**

*Cruzamento dos mapas de mancha de percepção e o mapa de vulnerabilidade*

## **Proposta 104**

*Tornar os espaços opacos visíveis para todo o bairro*

## **Exemplos Metodológicos 107**

Giancarlo de Carlo

Alejandro Aravena (Elemental)

Design Possível

TETO

Curiar

## **Ação Urbana 115**

### **Interferências Urbanas – Intervenções de Aproximação – Intervenções Estruturantes**

#### **1. Interferências Urbanas 118**

*Instalações Efêmeras*

*Visível Vazio*

*Cheios Invisíveis*

*De Costas para a Encosta*

#### **2. Intervenções de aproximação (de curta duração) 130**

#### **3. Intervenções estruturantes participativas (de longa duração) 131**

## **Ação Praticada: Intervenção de Aproximação no Amarelinho 132**

## **Considerações Finais 148**

## **Referências 150**



## INTRODUÇÃO

Durante minha graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia pude escolher entre os vários caminhos que me foram ofertados, onde trilhei meus rumos naquilo em que acreditava, sem dúvida, essa possibilidade de decisão foi muito importante para mim e só tenho a agradecer por isso e espero que os estudantes sempre tenham essa oportunidade.

No ir e vir pela cidade, em seus contrastes, algo me incomodou desde sempre, o sentimento de negação do outro, da pessoa que está ao seu lado, de quem está no meio fio, dos que estão nas encostas, nos barracos; das pessoas. Nessa negação eu sentia uma violência muito grande, era a indiferença do que não se queria ver, uma desigualdade latente e negligenciada, esquecida. E nisso, me questionava qual seria o papel do arquiteto nessa contemporaneidade e sua ação no jogo de interesses, do saber, do poder, da dinâmica social. Tais motivações e reflexões foram sempre constantes nesse meu caminho acerca da arquitetura e do urbanismo dentro da faculdade, quais desenhos e ideias seriam projetadas e, para quem elas serviriam, determinavam o curso a ser seguido, criado e montado.

Percorrer a cidade de Salvador é algo constante para mim, seja a pé, de ônibus, de carro ou de bicicleta. Vivenciá-la em seus diversos horários, passar por sensações de encantamento, e logo em seguida, de incomodação e de medo, me faz sentir a cidade de forma muito mais palpável e real do que a de um objeto distante, "... um meio físico visto de um ponto de vista superior, em planta, sob a visão de um pássaro, suficientemente longe para poder abstraí-lo, tornando-o silencioso, mudo, tornando-se objeto, "coisa" " (MARQUES, 2010, p. 138), visão essa muito abordada dentro do ensino de arquitetura na faculdade, em que o edifício e o meio urbano fossem objetos a serem esculpidos pela criatividade do arquiteto. Isso não significa que esse processo possa resultar em obras que contemplem, de fato, a satisfação dos seus usuários, dos seus habitantes. Mas outros caminhos me chamavam maior atenção e abordavam melhor uma realidade que era vivenciada cotidianamente, e esse caminho era os das relações pessoais, da vivência dos moradores, e para mim isso era "trabalhar com quem habita as casas e as cidades" (DE BIASE, 2012, p. 190), "porque o espaço é relacional, vida de relações, a referência exclusiva ao território reduz a riqueza da problemática do espaço..." (RIBEIRO, 2012, p. 64).

E com essa ideia, de uma participação maior daqueles que são subjugados, dos

que não detêm o saber técnico formal, mas sim o da sua própria experiência, que a noção de como se trabalhar a arquitetura, o urbanismo, será conduzida nesse trabalho, num caminho de um constante aprendizado, de incertezas, de descobertas, um caminho errante na busca do outro e de suas necessidades e escolhas, inventando “sua própria cartografia a partir da experiência itinerante” (JACQUES, 2012, p. 24).

Um fator bastante preponderante nesse processo é o tempo, e a sua desaceleração para poder observar, sentir e agir. É perceber a temporalidade que os espaços carregam consigo, as suas dinâmicas, e o seu estado de constante transformação.

*Esta ideia de arquitetura que não se reduz somente ao objeto mas que convoca também o tempo, e as diferentes práticas envolvidas pode se tornar um objet scientifique a ser estudado ou praticado na ação. Seguir esse “fazer arquitetura” ou o “fazer cidade”, quer dizer buscar entender como apreender, analisar e restituir a mudança e a transformação. No lugar de persistir analisando o objeto arquitetônico como uma coisa pronta, estática e acabada, a ideia do movimento nos abre a possibilidade de ver o projeto, como nos mostrou Geddes no início do século XX, como um jogo contínuo, onde todos os atores continuam a negociar, ninguém ganha ou perde, mas todos aprendem de maneira responsável formas de negociar juntos. (DE BIASE, 2012, p. 198)*

É também um tempo contrário ao praticado nos processos de produção dos espaços pelas forças dominantes do capital, e pelo que se está acostumado a conceber de arquitetura, como um objeto com uma forma definida pelo projeto, estático, delimitado e com as soluções tomadas pelo “arquiteto-tipo”, o profissional liberal, individualista e onipotente com as suas intuições como diz Carlos Nelson F. dos Santos (SANTOS, 1980, p. 38). Com isso, o produto que se busca não traz as certezas que esse tempo dominante quer, e impõe, na pragmaticidade do olhar, mas pelo contrário, é o pisar pelo desconhecido, observando e sendo observado, é mudando e sendo mudado, é uma troca em que o tempo ocorre de forma lenta, na conquista da confiança do outro, sem que os outros tempos sejam negados, pois também existe o tempo das urgências, o tempo da fome, o tempo do instável.

Estar nesse tempo cadenciado é também resistir, uma ação, contra a percepção consensual dos problemas, transformados todos em uma só questão, fazendo com que o outro perca suas particularidades, e em consequência, suas opiniões e a sua força no espaço de ações no urbano, tirando-lhe a capacidade reflexiva de propor algo diferente do que se está estabelecido ou tomado como fatídico.

Nessa busca pelo outro, e com o outro, não apenas a percepção do arquiteto é alterada ao se conviver de perto com a outra realidade, mas acredito na troca, em estimular com que o outro também perceba realidades distintas além daquela em que se está inserido, para que a sua própria seja alterada, sendo percebida de forma diferente e se modifique, uma transformação.

*uma antropologia da transformação da cidade se tornou então o nosso objeto: uma cidade que não é um simples cenário das interações do grupo estudado, uma cenografia, mas é um processo material e simbólico de espaços e tempos que são continuamente imaginados, narrados, negociados e projetados pelas pessoas que o habitam, por aqueles que os constroem e os administram e por todas as restrições (materiais, políticas, econômicas etc.) que vão surgindo paulatinamente. (DE BIASE, 2012, p.199)*

E a partir desse olhar, transformado em ação, cria-se um desenho não apenas com um traço, mas formado por várias linhas que se conectam, que se ligam por diferentes maneiras e por processos singulares, onde o desenho pode até ser suprimido, mas nunca a ação criadora.

É nessa forma de pensar a cidade, de como o espaço<sup>1</sup> é construído em conjunto, que a análise sobre o bairro da Lapinha acontece, a partir do que chamo de vazio imaginário, que é a ausência da experiência urbana do lugar no imaginário das pessoas, e com isso, analisar qual o rebatimento dessa condição sobre a conformação do seu espaço.

Primeiramente a relação é entre Salvador e a Lapinha, um “olhar de longe”<sup>2</sup>, distanciado, para depois imergir sobre o seu espaço, um “olhar de perto, de dentro”<sup>3</sup>, na busca de uma alteridade, para compor e contrapor esse olhar mais distanciado, gerando uma heterogeneidade de entendimento sobre o bairro, para com isso, propor uma ação urbana compartilhada, em que as propostas e soluções surjam em um diálogo horizontal<sup>4</sup> entre o arquiteto, urbanista, e os que habitam o lugar.

1 - A denominação de espaço é o que Milton Santos chama de animação das formas, da paisagem urbana pela vida cotidiana. (SANTOS, 2006)

2 - MAGNANI, 2002

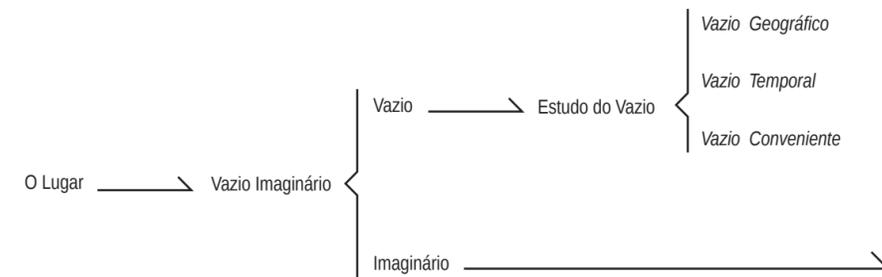
3 - Idem

4 - “ Mas os lugares também podem refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo.” (SANTOS, 2006)

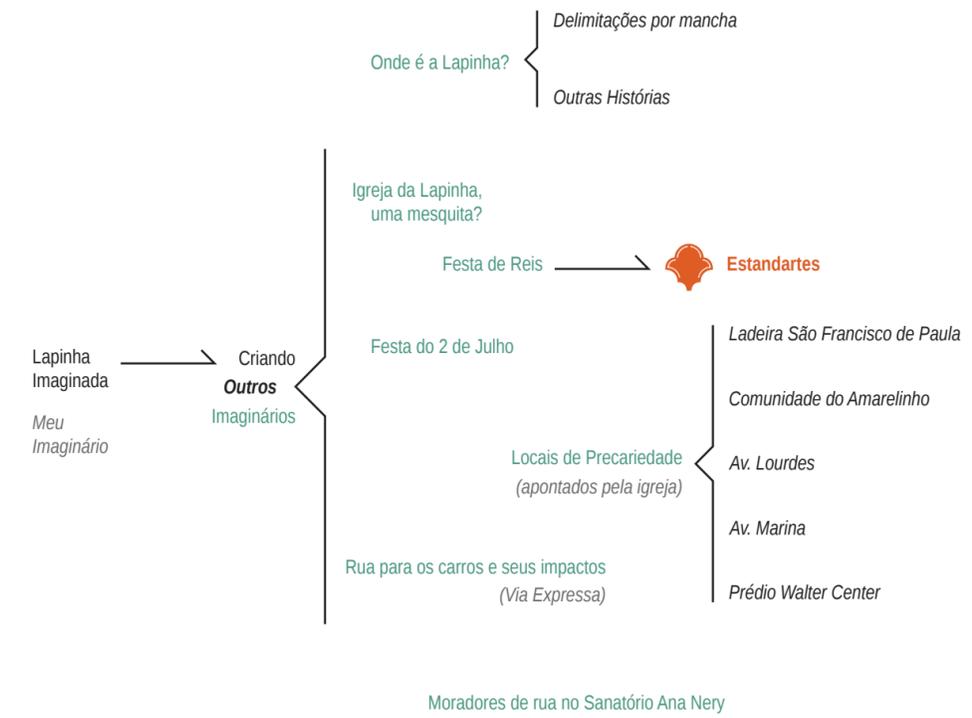




LAPINHA  
VAZIO(S)  
IMAGINÁRIO(S)



Processos de Aprecensão do Imaginário



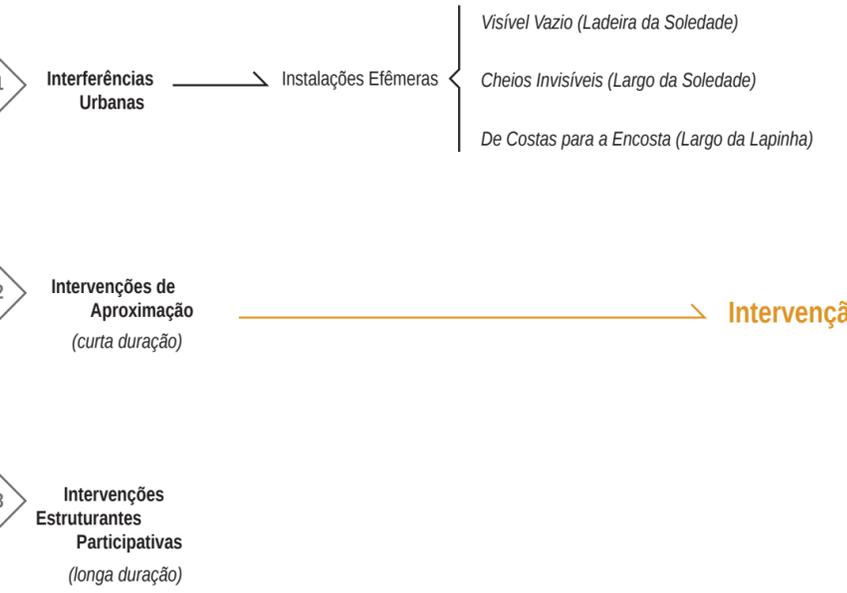
Locais de Vulnerabilidade (Invisibilidades)

Vazio(s) Imaginário(s)  
Os Vazios do Vazio

Proposta  
Tornar os espaços opacos visíveis para todo o bairro

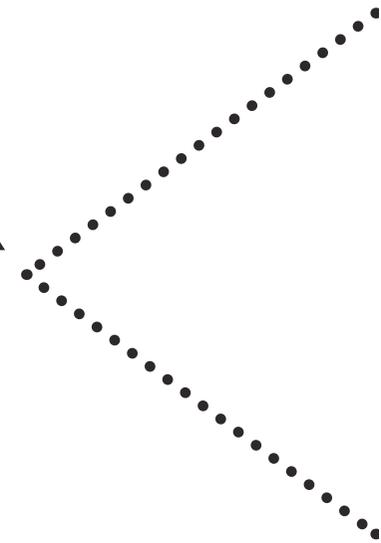
Exemplos Metodológicos

Ação Urbana



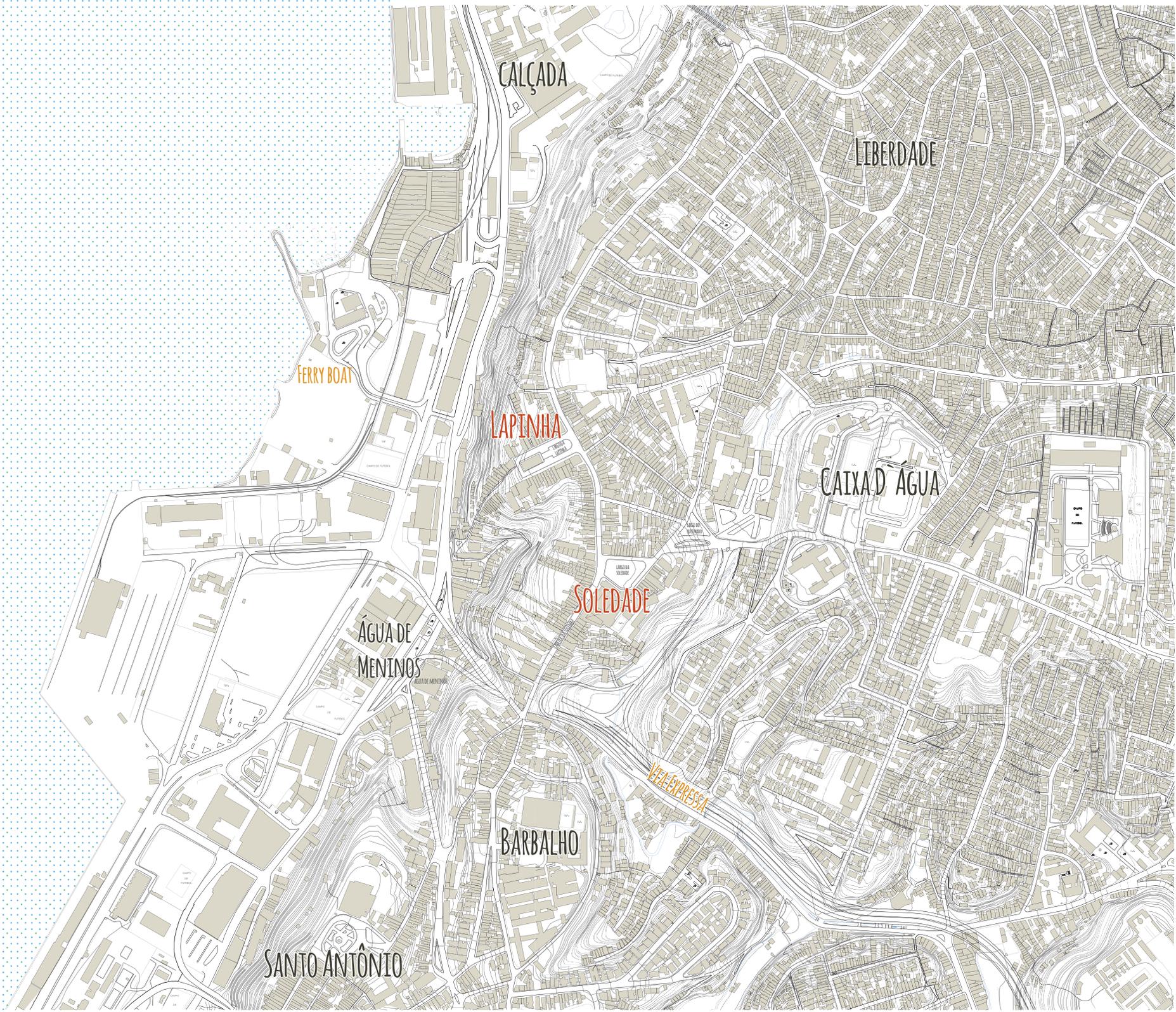
Ação Praticada  
**Intervenção de Aproximação no Amarelinho**

**O LUGAR**





0 50 100 200 m

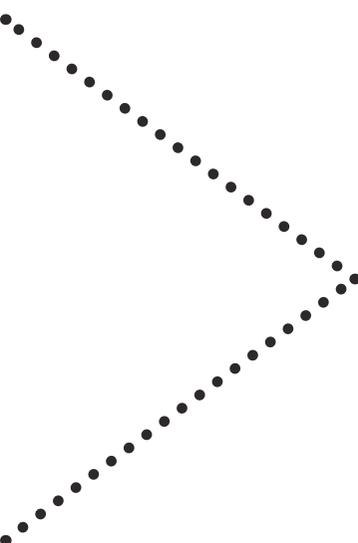


A escolha da região da Lapinha/Soledade<sup>5</sup> ocorreu de forma indireta e bastante afetiva. Inicialmente o objetivo era trabalhar com habitação popular em edificações abandonadas no bairro do 2 de Julho, um outro objeto, importante para contribuir nas resistências que os moradores daquela região estão passando por causa dos processos de espetacularização e gentrificação desse lugar (MOURAD, 2011). Ao ler tese “O Processo de Gentrificação do Centro Antigo de Salvador”, de Laila Mourad, em que analisava não apenas o bairro do 2 de Julho, mas também a região do Santo Antônio Além do Carmo, me remeteu ao meu imaginário de quando estudei no CEFET<sup>6</sup>, e no Colégio da Soledade, o que me fizeram perceber o quanto aquela região era viva dentro de mim, porém nunca analisada de uma forma mais crítica.

Em paralelo a isso, fui percebendo que a região do 2 de Julho já era bastante assistida pela faculdade, seja por outros trabalhos de graduação, pós-graduação, além de grupos de pesquisa. Sendo assim, me motivava uma mudança de lugar e trabalhar a região da Lapinha, por ser um local pouco analisado e que merecia uma atenção e uma crítica maior, principalmente por causa das modificações percebidas em sua paisagem urbana nos impactos da obra da Via Expressa, causando uma série de desarticulações para os moradores da região da Estrada da Rainha, da Ladeira da Soledade, da Caixa D’Água.

5 - Considero a região da Soledade também pertencente a Lapinha, por causa de sua vizinhança e do seu tamanho reduzido. Pela divisão de bairros pela prefeitura, o bairro da Lapinha também engloba a região da Soledade. (Geopolis, acessado em 30/01/2014)

6 - Hoje IFBA – Instituto Federal de Educação Tecnológica da Bahia, localizado no bairro do Barbalho.



**Vazio**

**Imaginário**

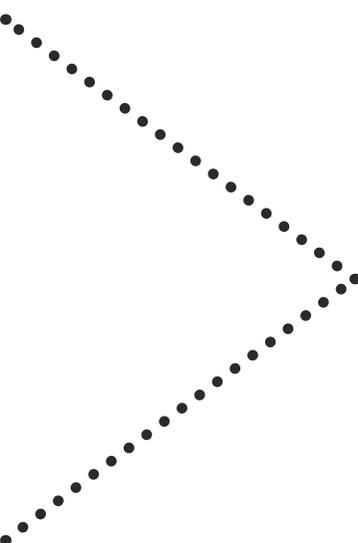
A ideia de mudar de região e trabalhar com a Lapinha já era certa, porém, o ponto de partida surgiu a partir de uma conversa com um amigo da faculdade, José Meira, em que ao falar sobre a região da Lapinha, foi-me dito o seguinte comentário: “ali parece um vazio no imaginário, porque eu já ouvi falar, porém nem sei onde fica”. Isso me chamou logo a atenção, e ao perceber que esse era um comentário recorrente dos colegas com quem eu conversava a respeito, me intrigava bastante, pois para mim era tão comum aquela região, não só por causa de minha vivência, mas porque ali existem duas festas populares, a Festa de Reis e a festa da Independência da Bahia, o 2 de Julho, onde os festejos se iniciam a partir de lá, e que mesmo assim, havia esse desconhecimento da região.

Então, a falta de um imaginário da experiência urbana daquele lugar, a partir das pessoas com quem conversava a respeito, que a expressão “Vazio Imaginário” é tomada emprestada e assume como questionamento inicial na análise do bairro da Lapinha. Vazio no sentido do desconhecer, do não habitar, do não pertencer a um imaginário, que por sua vez, está ligado à memória, à lembranças, às vivências, de como cada um se relaciona com o local objetivamente e afetivamente. Nesse aspecto, tudo é real, histórias, fatos, ideias, pois tudo pertencerão a um imaginário, tendo sempre uma influência na percepção daquele espaço. Pouco importa se histórias pertencentes a esses imaginários estão escritas em livros ou se surge de uma conversa informal, o que interessa é se isso é percebido, sentido, se cria sensações, se cria rugosidades, manifestando “diferentes tempos contidos na materialidade urbana” (RIBEIRO, 2012, p. 69).

O vazio por sua vez em sua condição de desconhecido, do não narrado<sup>7</sup>, assemelha a sua concepção ao que Milton Santos chama de lugares opacos, “uma opacidade que se aproxima da falta de importância, do desinteresse, do literal apagamento e do radicalmente negativo.” (RIBEIRO, 2012, p. 67). Com isso, o vazio também é aquilo que negamos, que deixamos de ver, que está a margem; ir ao seu encontro, buscá-lo na errância, é uma forma de resistir, de sobrevivência do outro.

*“O estudo de algumas narrativas errantes nos leva a pequenas resistências e insurgências da experiência urbana, muitas vezes invisíveis, escondidas, e, em particular, à experiência da alteridade na cidade.” (JACQUES, 2012, p. 12)*

E sua descoberta é onde se cria e se revela esse imaginário, em suas sobreposições, em suas relações.



# Estudo do Vazio

*(a Lapinha e sua opacidade)*

Quando me refiro a região da Lapinha, ela abrange também a Soledade, por serem áreas muito próximas e de grande troca de fluxos, além da própria prefeitura considerar como uma mesma região, o que é importante para análises e compreensão das ações dos agentes governamentais.

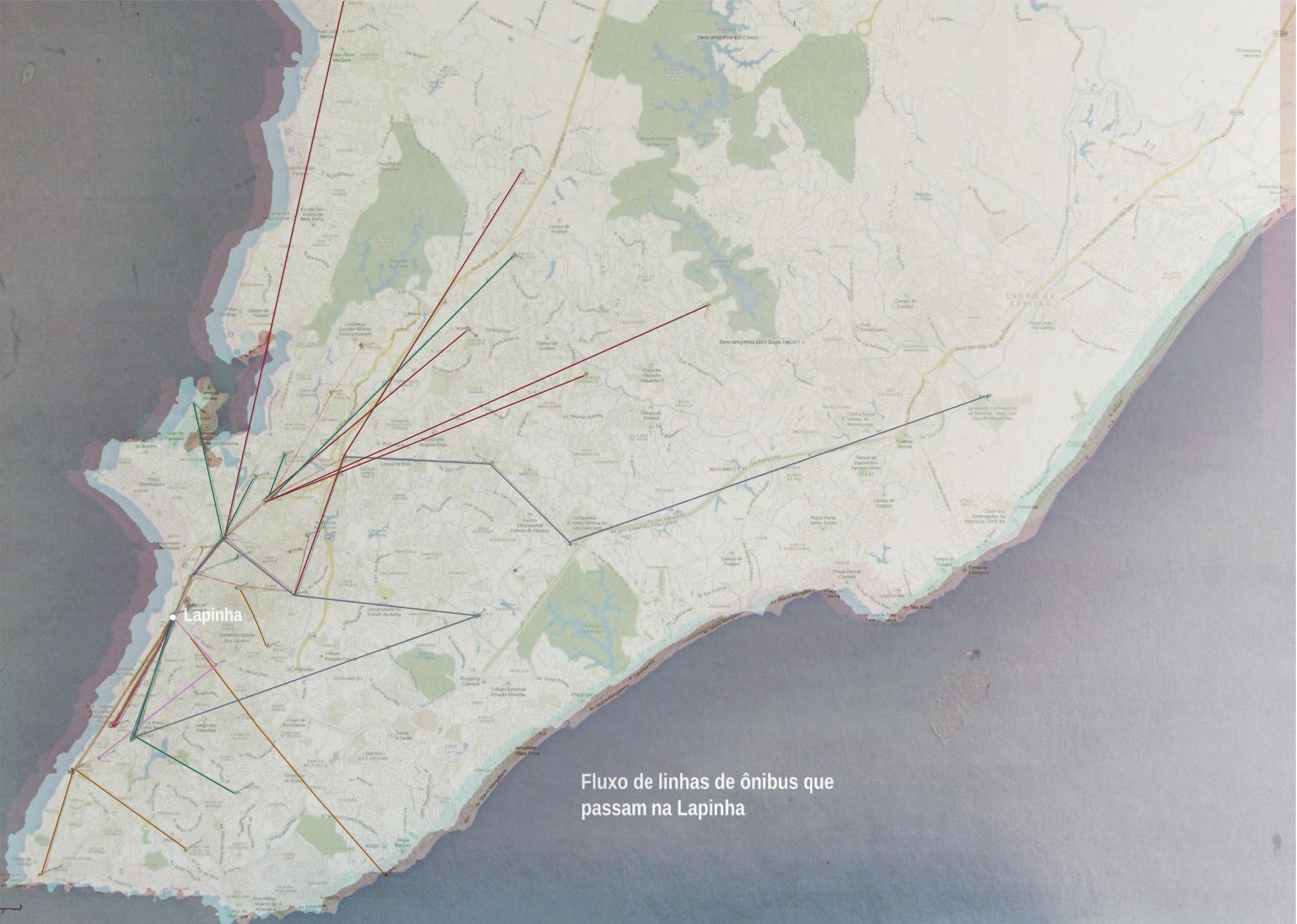
“A Lapinha vai até a Soledade, mas na Soledade também é Lapinha”  
(Júlio César, barraqueiro)

No processo de entender o que seria esse vazio imaginário, como ele se dá e suas consequências, começaremos pelo que não está revelado, pela sua opacidade, pelo vazio. Tomando como premissa que o vazio se dá no desconhecimento do outro e de suas particularidades, na Lapinha ele ocorre “de longe e de fora” (MAGNANI, 2002), na escala da cidade para o bairro, não de toda a cidade, mas de uma parte dela. Situada entre dois espaços com bastante identificação na cidade, o Santo Antônio Além do Carmo, com suas características de um bairro boêmio e bucólico no centro antigo, e a Liberdade, com a identidade da cultura negra, a Lapinha está na transição entre esses dois bairros, apresentando características de ambos, mas não sendo nenhum deles, um local de passagem, é a morfologia do centro antigo que dá lugar às edificações contemporâneas populares, com sua pintura velha, o reboco chapiscado e o tijolo aparente.

Para um entendimento melhor do que seria esse vazio, podemos relacioná-lo a aspectos físicos, de tempo e de modo, sendo eles o vazio geográfico, o vazio temporal e o vazio conveniente, respectivamente, apesar da divisão, eles estão relacionados e interferem entre si.

### **Vazio Geográfico**

É o vazio relativo a sua geomorfologia e aos fatores que dificultam, ou não propiciam o acesso até o local, ocasionado por um relevo acidentado criando limites visuais e físicos com seus bairros vizinhos; pelo conjunto de linhas de ônibus que desestimula um deslocamento fluido que permeie toda cidade dificultando possíveis contatos; e por último, a falta de equipamentos que atraiam pessoas de bairros não próximos, que mesmo tendo a Igreja da Lapinha com características bem singulares, não desempenha essa função quando comparada a equipamentos similares, ou seja, são fatores que impedem, dificultam ou que não atraíam as pessoas para aquele trecho da cidade. Isso ocorre principalmente



Lapinha

Fluxo de linhas de ônibus que  
passam na Lapinha

em relação às áreas da cidade consideradas luminosas<sup>8</sup>, servidas de equipamentos culturais, de lazer, de negócios e que justamente por isso acabam ofuscando, não só a Lapinha, como vários outros espaços da cidade.

## Vazio Temporal

Uma característica bem singular no bairro é a sua luminosidade pontual ocasionada pelas festas populares de Reis e do 2 de Julho, gerando uma visibilidade momentânea nos meios de comunicação locais, que também ocorre na veiculação de outras notícias esporádicas sobre a região, é essa visibilidade temporária que faz com que a Lapinha passe a existir no imaginário local, surgindo cometários, isso não quer dizer que se saiba da existência do outro e de suas singularidades, mas o contrário, a noção do território se torna uniforme e homogênea, torna-se um produto a ser comercializado, um “consumo cultural” como diz Magnani, transforma-se em mais uma festa popular, e como produto, no caso de veiculação e marketing, sua espacialidade é deixada de lado, sendo buscada apenas por aqueles que consumirão a festa de fato, para o restante, que é a maior parte da população, o consumo se dará virtualmente, pelos noticiários, manchetes de jornais e afins, criando-se um lugar sem espacialidade.



## Vazio Conveniente

Por último, ao que chamo de Vazio Conveniente, um esquecimento proposital da Lapinha feito pelos agentes governamentais, e em consequência, negando-lhes serviços que são de direito, o que comumente ocorre nos espaços opacos, negligenciados, pois toda a atenção é voltada para os bairros considerados nobres e que têm uma “relevância” maior para a cidade, é como se você estivesse que se sacrificar para um bem maior comum, com uma ideia de um benefício compartilhado, onde o aumento da renda e receitas dentro do município gerasse um benefício igual para todos, porém o que ocorre é um ciclo vicioso em que os investimentos são sempre condensados nas mesmas áreas, deixando as áreas degradadas a espera de uma nova eleição, em que serão prometidos as novas mesmas promessas. Outra característica do vazio conveniente é o seu caráter impositivo sobre essas regiões opacas, realizando intervenções, mas sem nenhum debate público no intuito de se acelerar uma demanda dos meios hegemônicos do capital, como foram os casos que ocorreram com a obra da Via Expressa<sup>9</sup>, causando remoções, desapropriações, fragmentando toda uma teia de relações que ali existia; e o mais recente, o do sanatório Ana Nery que durante a Copa das Confederações,

8 - “Os espaços opacos seriam espaços da sobrevivência, enquanto os espaços luminosos seriam espaços de reconhecimento, da valorização e, enfim, da vida plena, clean e justa que, envolta em beleza, não teme se expor e, ate mesmo, se oferece a exposição e as celebrações laicas.” (RIBEIRO, 2012, p. 67)

9 - A obra da Via Expressa se iniciou em 2005 e teve vários problemas técnicos e administrativos e sendo finalizada em 2013.

10 - Jornal A Tarde, 16 de Julho de 2013

em 2013, moradores de rua das áreas centrais de Salvador foram colocados no sanatório que se encontrava desativado, e em estado de degradação, chegando a ter mais de 600 pessoas<sup>10</sup>, em um caráter de “limpeza” social. Pega-se o que se quer esconder e coloca-se onde ninguém vê, ou não quer ver, nos lugares opacos.

*Processos  
de Aprecensão  
do Imaginário*

## Lapinha Imaginada

*Meu Imaginário*

Dentro do processo de descoberta desse espaço, vale relatar como era até então o imaginário que se tinha. A região da Lapinha, compreendida entre as localidades da Lapinha e a Soledade, sempre foi um lugar de bastante proximidade para mim, pois apesar de não morar na região, estudei no Colégio Nossa Senhora da Soledade, e participei do coral do colégio nas comemorações do 2 de Julho.

Lembro também de uma horta urbana que tinha na Estrada da Rainha quando se estava muito longe a discussão a respeito do tema, e da sua retirada quando se fez a ligação entre a Estrada da Rainha e o largo do Queimado; gostava de ver aquela horta e a surpresa de como ela aparecia em meio aquele amontoado de casas. Hoje com a obra da via expressa tudo se perdeu, desconfigurando um local que o andar era muito forte, dando lugar a velocidade do carro.

Presenciei também a mudança ocorrida no Largo da Soledade, mudando o tráfego de carros que antes circulavam todo o largo e que foi fechado com um portãozinho, onde é aberto apenas nos horários que os pais vão pegar seus filhos no colégio; e as modificações na arborização e no calçamento do próprio largo, onde o chão era um trecho de terra e tinha mais árvores com copas maiores, hoje a praça toda pavimentada e com menos árvores, além de um pequeno palco para eventos; sem contar do baleiro que tinha uma barraquinha colada ao colégio, em que nós fazíamos a festa e que foi retirado dali a sua barraca, pelo menos ele permaneceu, resistindo, agora com seu tabuleiro móvel.

A igreja da Lapinha também era um local bem conhecido pelo fato de meus pais fazerem parte daquela paróquia. Vou desde pequeno, principalmente domingo a tarde, quando era retirado do “baba” para os compromissos religiosos. Chegava na igreja e ao olhar para as suas ornamentações e seus desenhos no teto e nas paredes só ficava imaginando as jogadas que eu poderia ter feito. As festas na igreja também eram marcantes, sempre tinha caruru, xinxim, sarapatel, feijoada, tudo era vendido para se arrecadar fundos para a paróquia. As festas ocorriam no próprio largo ou no centro comunitário, hoje interdito por problemas estruturais, uma perda grande, pois ali funcionava uma creche que atendia as crianças da região.

A mudança do Largo da Lapinha também foi grande, antes se tinha um coreto no meio e os carros faziam a volta na frente da igreja, com a mudança, a volta se dá ao fundo da igreja. O coreto, que servia de “palanque” na festa de Reis, foi retirado e no seu lugar foi criado um desnível com arquibancadas, talvez para se “privilegiar”



Vista aérea da Ladeira da Soledade, em que se pode ver um trecho da horta.  
Acervo CEAB, 1988.

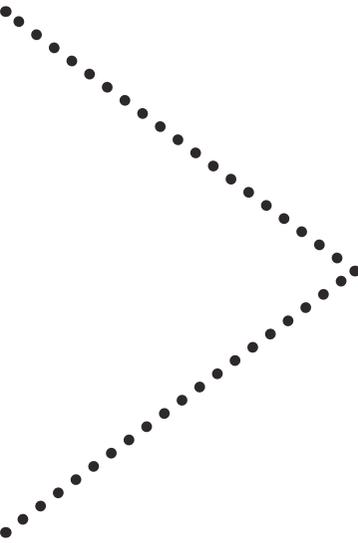
a vista da fachada da Igreja, apesar daquele coreto também já pertencer aquela paisagem urbana. O que de fato ocorre hoje é as mais diversas apropriações desse espaço, sendo usado para se “jogar bola”, no aluguel de carrinhos motorizados para as crianças, um pula-pula que é montado nos finais de semana e em dia de festas. Hoje, existe um abaixo-assinado pedindo a volta do coreto para a praça, espero que esse novo desenho não exclua essas apropriações e que possibilitem a criação de outras.

Esses foram uma parte do meu imaginário sobre a região da Lapinha, existem muitos outros e muitas outras camadas, mas que não há necessidade de serem exploradas nesse momento. Nessas imagens eu sou o outro, fiz parte daquele contexto, vivenciei aquele espaço. O que irá por vir no processo metodológico é que agora criarei a estranheza, me colocando de fora, que de fato hoje sou, mesmo dentro, e revelando novos imaginários, analisando de forma crítica os processos ali estabelecidos.

### **Criando Outros Imaginários**

Para conhecer melhor o outro foi preciso me desfazer um pouco do imaginário que se tinha até então, sem apagá-lo, mas não se prendendo a ele, deixando o olhar livre para novas percepções e experiências. As visões de totalidade precisavam serem quebradas, o olhar não era mais de cima, de um objeto distante que olhava um mapa genérico, agora os olhares se cruzavam, os sons, os cheiros exalavam, era o pão da padaria.

*...o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. (MAGNANI, 2002)*



**Onde é a  
Lapinha?**

Foi preciso entender quais eram os limites daquela região, mas não pelas delimitações convencionais da prefeitura, precisava sentir quais eram as relações das pessoas com o lugar, por aqueles que usam e passam por ali.

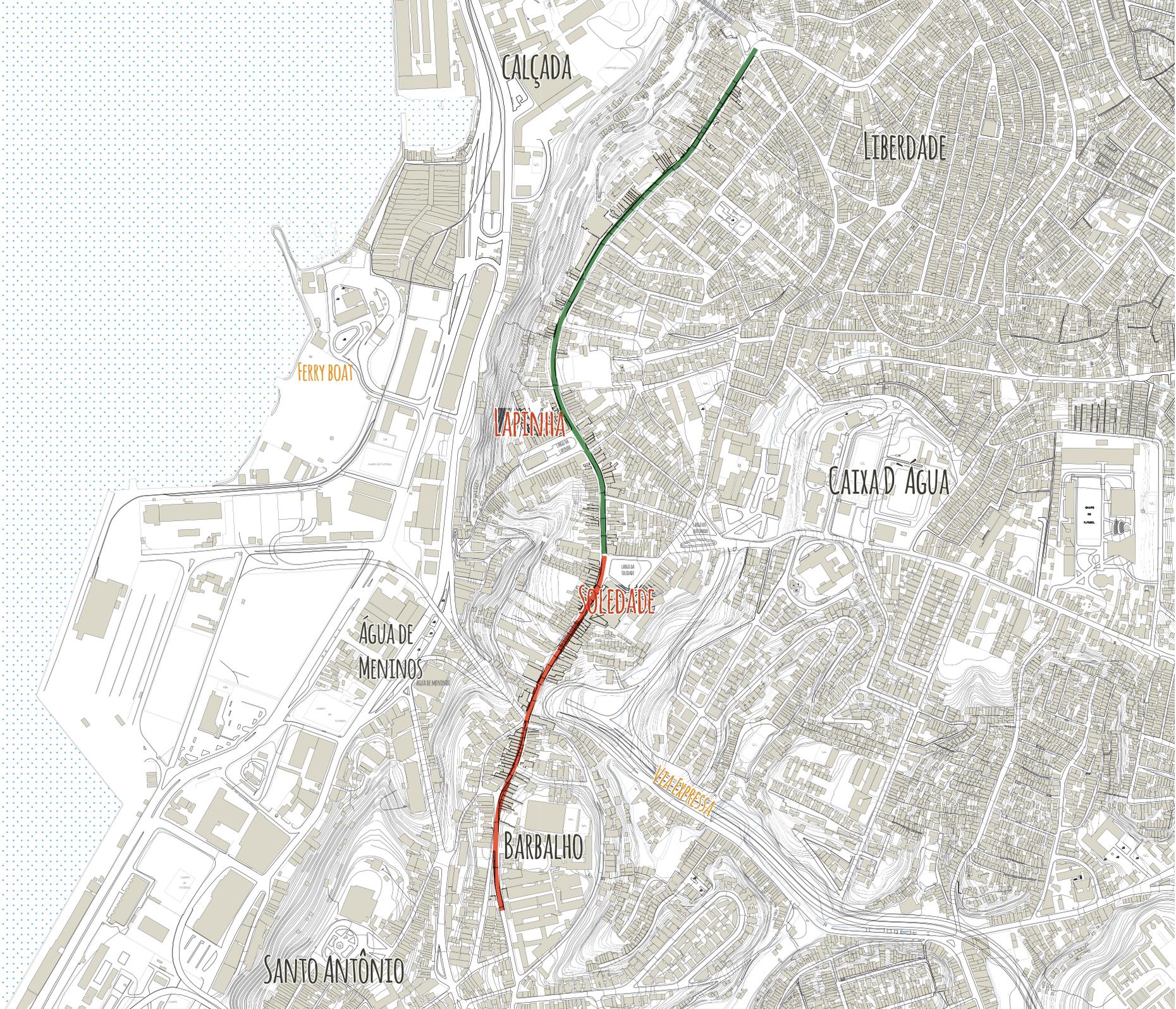
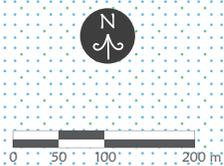
Transitei com a minha pergunta era “onde é a Lapinha?”, para isso, fiz dois percursos onde ia perguntando para as pessoas partindo de regiões que considerava fora da Lapinha, de suas bordas, e me dirigindo até o bairro. Apesar de ter, até então, dois percursos definidos previamente, sabia que esse momento poderia propiciar outras percepções, outras informações, daquelas em que eu buscava de antemão, sendo assim, o objetivo era fazer os percursos de forma lenta, sem a preocupação de se chegar no ponto final do percurso, na realidade, não havia a preocupação em se chegar a um final.

E de fato, essa falta de preocupação com o tempo e com um percurso previamente estabelecido, proporcionou contatos muito mais sutis com as pessoas. Acho importante também salientar que em um primeiro momento eu me colocava como um transeunte perdido e em conversas mais demoradas, a quem eu perguntava, falava sobre o trabalho; o mais interessante era o acolhimento das pessoas em querer compartilhar aquilo que sabiam, isso era o que me deixava mais admirado e motivado.

A partir desses relatos espontâneos sobre a região, em que não há preocupação em saber se é real ou não, mas em apenas aceitar a sua existência no imaginário daqueles que relatavam, surge o que chamo de Outras Histórias, conversas que desviaram minha atenção e me mostraram outras formas de ver aquele espaço.

# Mapa dos percursos

- 1º dia
- 2º dia



## Primeiro dia

Comecei a partir do plano inclinado da Liberdade em direção ao largo da Lapinha, já nesse início fui percebendo através das respostas que a minha noção do que era o bairro era diferente das de muitas pessoas, me desterritorializar do lugar em que achava que tinha pleno domínio foi bastante importante nessa etapa do processo. O largo da Lapinha ser tornava o marco visual de maior relevância, ali era o onde a maior parte das pessoas indicavam onde começava o bairro até então.

*“Do largo (da Lapinha) até a Soledade, mas na Soledade também é Lapinha” (Júlio Cesar, barraqueiro)*

*“Ali já é a Lapinha, a Liberdade é do plano inclinado para lá”  
(vendedora de frutas próximo a delegacia)*

*“Largo da Lapinha é o principal, vielas, o Queimadinho, tudo é uma coisa só” (Girleño)*

*“ A Liberdade vai até o ICEIA” (Lícia, vendedora de salgados)*

*“A Lapinha vai até o plano inclinado” (vendedora de pastel, largo da Lapinha)*

## **Outras Histórias**

Chegando no Largo da Lapinha, agora era a vez perguntar de dentro do bairro onde era os seus limites, foi assim que conheci quatro senhores que estavam conversando, infelizmente só consegui anotar o nome de três deles, Elvio, Prim e Ronaldo. No primeiro momento, eles desconfiados me perguntaram se eu estava fazendo algum trabalho, confirmei dizendo do que se tratava. Depois disso, começou uma prosa bastante interessante, e quanto mais conversávamos, mais eu ficava surpreso com a riqueza de detalhes com que eles descreviam as histórias do bairro, vou descrever algumas delas da forma que consegui anotar.

- *Limes Silva, antiga linha 8.*
- *O limite da Lapinha era na casa ocre, em frente ao posto, até a próxima sinaleira.*
- *A Estrada da Liberdade, era chamada de Estrada da Boiada, por onde passavam os bois que iam para o matadouro atrás da Escola Técnica (IFBA).*
- *A Embasa era chamada de Saé.*
- *Prim, 45 anos que mora na Lapinha, cunhado da professora Brasília (Minha professora de Geografia no colégio da Soledade)*
- *A praça era um coreto.*
- *Depois da saída de Padre Pinto houve uma decadência da Igreja e das Festas, ele ia de casa em casa perguntar se as pessoas estavam bem.*
- *ACM tinha medo de Padre Pinto.*
- *Padre Pinto tinha a função de agregador na comunidade.*
- *2 de julho, desde o ano passado (2012), colocam grade e polícia para proteger o governador.*
- *Depois da ocupação do Sanatório Ana Nery pelos moradores de rua, ali tinha ficado mais inseguro.*
- *As pessoas sentavam nas portas.*
- *Pequenos furtos.*
- *Distanciamento entre os moradores do largo e da ladeira (atrás da igreja).*
- *Incômodo dos bares e dos usuários (que vêm de fora), zoadas, som alto, briga de madrugada.*
- *O que seria bom para o bairro? Polícia!*
- *Antiga padaria dos espanhóis.*

Ao término da conversa continuei indo em direção a Soledade, abordei mais duas pessoas e depois parei, pois já estava anoitecendo. Fiquei observando a dinâmica do Largo da Soledade e tive as seguintes impressões:

- Muitos jovens vindos do Senai (do Queimadinho).
- Parecia mais inseguro que a Lapinha
- Muitos passantes
- Jovens jogando bola, jogando dominó, no Largo da Lapinha tinha mais idosos e crianças.
- Ponto de ônibus bastante cheio.

### Segundo Dia

A direção agora é do Barbalho para o largo da Soledade. Comecei a partir do IFBA – Instituto Federal de Educação Tecnológica da Bahia, perguntando para alguns estudantes, o que percebi é que apesar de alguns deles passarem pela região de ônibus, poucos deles já tinham a frequentado de fato. Continuei o percurso em direção a Soledade, parei em uma barraquinha logo após, perguntei também para pessoas que passavam.

“A Soledade começa no colégio (colégio Nª Sª da Soledade)” (aluno do IFBA, morador de Luiz Anselmo)

“A Lapinha só conheço a Igreja” (Aluno do IFBA)

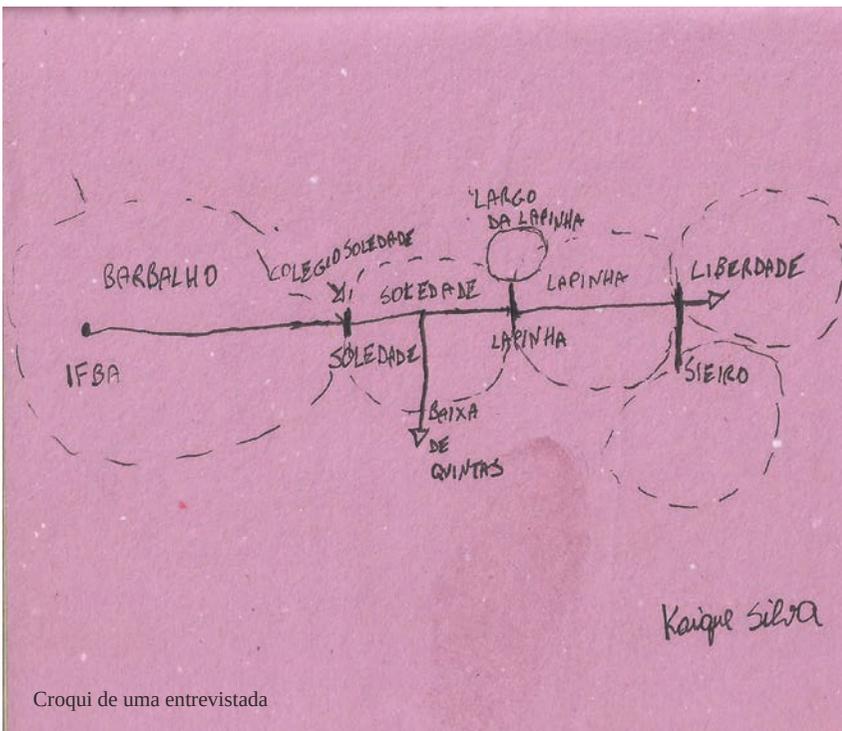
“Soledade e Lapinha é a mesma coisa, começa no colégio, na ladeira que sobe (Ladeira da Soledade)” (Aluno do IFBA)

“Subindo a Ladeira começa a Soledade, ela termina na curva depois do sinal, porque quando se faz a curva só vê a Soledade” (Luiz André – Aluno do IFBA, morador de Paripe)

“Soledade a partir da ladeira. É estranho um bairro ser tão pequeno” (Ivo – Aluno do IFBA, morador de Cosme de Farias)

“A Soledade, da ladeira até o largo (da Soledade), depois a Lapinha e termina subindo a ladeira (shopping da Liberdade)” (3 alunas do IFBA, moradoras de Águas Claras e Ribeira)

“Soledade começa subindo a ladeira e termina onde começa o largo da Lapinha”



*(homem de passagem)*

*“A Soledade começa subindo a ladeira e termina na sinaleira do corredor; Lapinha e Soledade são coisas diferentes; A Lapinha termina no largo” (Eloi, vendedor)*

*“Subiu a ladeira até a praça, é a Soledade; Depois da praça até a delegacia, é a Lapinha” (duas mulheres no salão)*

*“Soledade, do pé da ladeira até o largo; A Lapinha é depois do largo até o bar Amarelinho” (Arlene, dona de bar na ladeira da Soledade)*

### **Outras Histórias**

Subindo a ladeira da Soledade parei em um bar para tomar uma água e tive uma das experiências mais incríveis desse trabalho, conheci Arlene, uma senhora de mais ou menos uns 65 anos e “dona” daquele estabelecimento. Ali se encontravam também mais três senhoras, ao perguntar aos quatro quais eram as delimitações do bairro, Arlene foi a que se prontificou a responder e foi aí que começou uma história riquíssima sobre sua vida, de como as obras da Via Expressa fragmentou aquela região e mais ainda a sua vida. O que achava mais singular nisso era, eu, um desconhecido para aquela senhora, que todavia, não a impedia sua necessidade de se expressar, de se fazer ouvir, perceber essa importância foi uma transformação pessoal bastante grande e que me fez notar que muito além de propor algo formal, esse trabalho tinha como um dos objetivos revelar essas outras histórias, informais, aquelas que estão nas camadas da vida prática, nas camadas marcadas na epiderme de seus habitantes, e que urbanismo era esse que se configurava espacialmente, em que o marginalizado sempre tem que ceder para um “bem comum” de “todos”.

### Relatos de Arlene

*“A Via Expressa expulsou os moradores e deram 400 reais”*

*“Aumentou a violência, não tem mais pessoas passando” (o esvaziamento da região)*

*“Quando tinha detonação tinha que sair de casa”*

*“Mandaram a gente sair e dizia que ia pagar o aluguel e depois parava de pagar”*

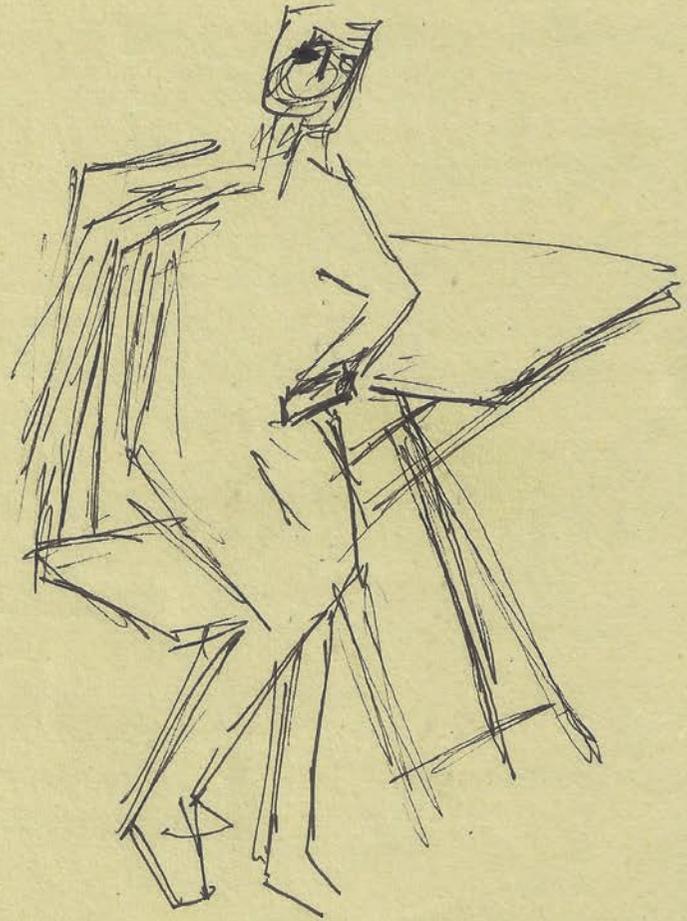
- DAVA ATÉ A CAMISINHA P/ AS  
FILHAS, DEPOIS Q PAROU CADA  
UMA TEVE UM FILHO

- O QUE MAIS VENDE  
É O PACAIA (CIGARRO DE PALHA)  
POR CAUSA DA SEDA



ARLENE

SEU  
BARRIS



“Menos fluxo do comércio”

“Um pouco mais de movimento por causa da academia e porque era horário de volta para casa”

“Desestruturação total de sua vida”

“Várias casas vazias”

“Na casa 105 ela tinha um comércio (começo da Estrada da Rainha)”

“Tinha também um comércio em Campinas de Pirajá”

“10 a 12 anos de obras”

“Desde então já morou de aluguel em várias casas da região”

“Antigamente a Festa da Lapinha (Festa de Reis) vinha até a Ladeira da Soledade”

“Primo, um dos moradores mais antigos da Soledade abastecia quase toda a região de bebidas, tinha açougue, depósitos. Se matou de desespero”

“Manoel Correia de Melo, o Manelito, era o dono de quase 200 casas espalhadas pela Soledade, Caixa D'Água e Pelourinho.” (Era para o filho dele que Arlene pagava o aluguel do bar)

“A casa toda escorada por dentro”

“Ousadia em sobreviver”

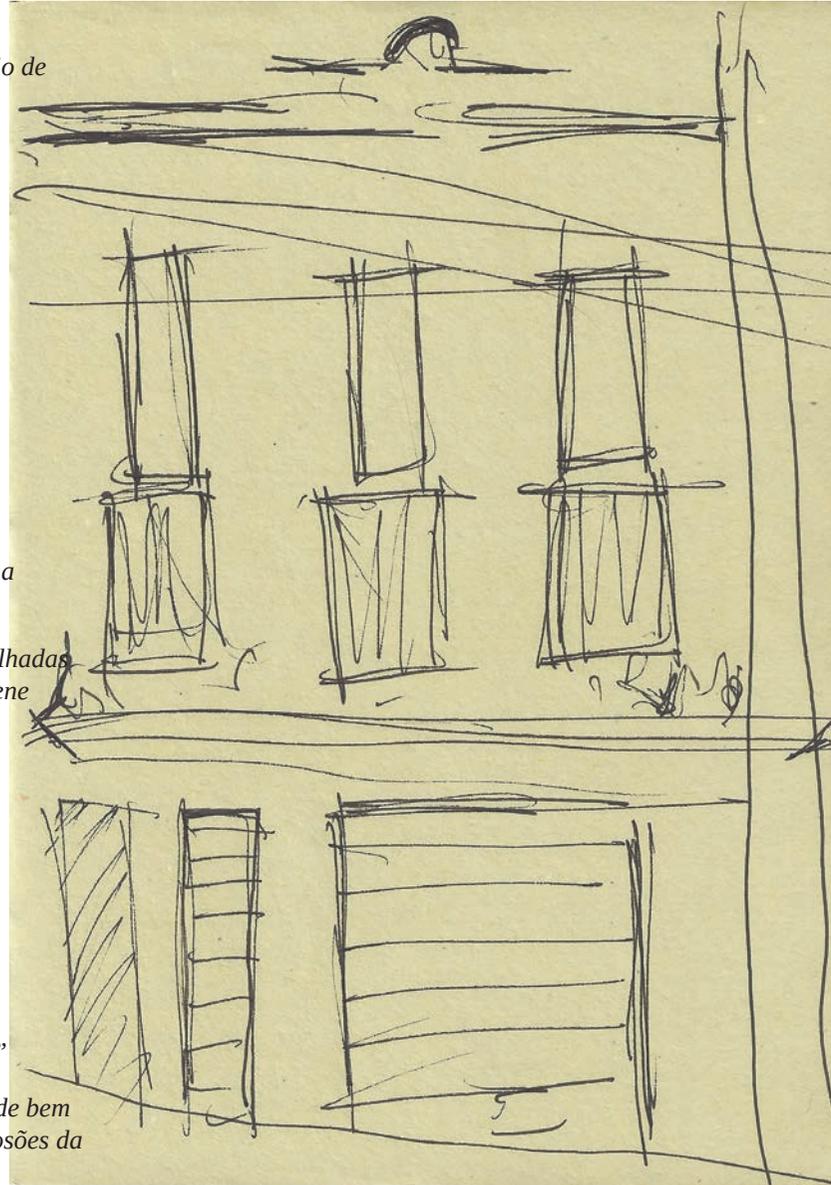
“Esperança que a obra pudesse ajudar em alguma coisa”

“Joarez infartou na agonia da obra”

“O que mais vendia ali era pacaia (cigarro de palha) por causa da seda”

“Tem 4 filhas, uma de 34 anos, outra de 29 anos e duas gêmeas de 24 anos”

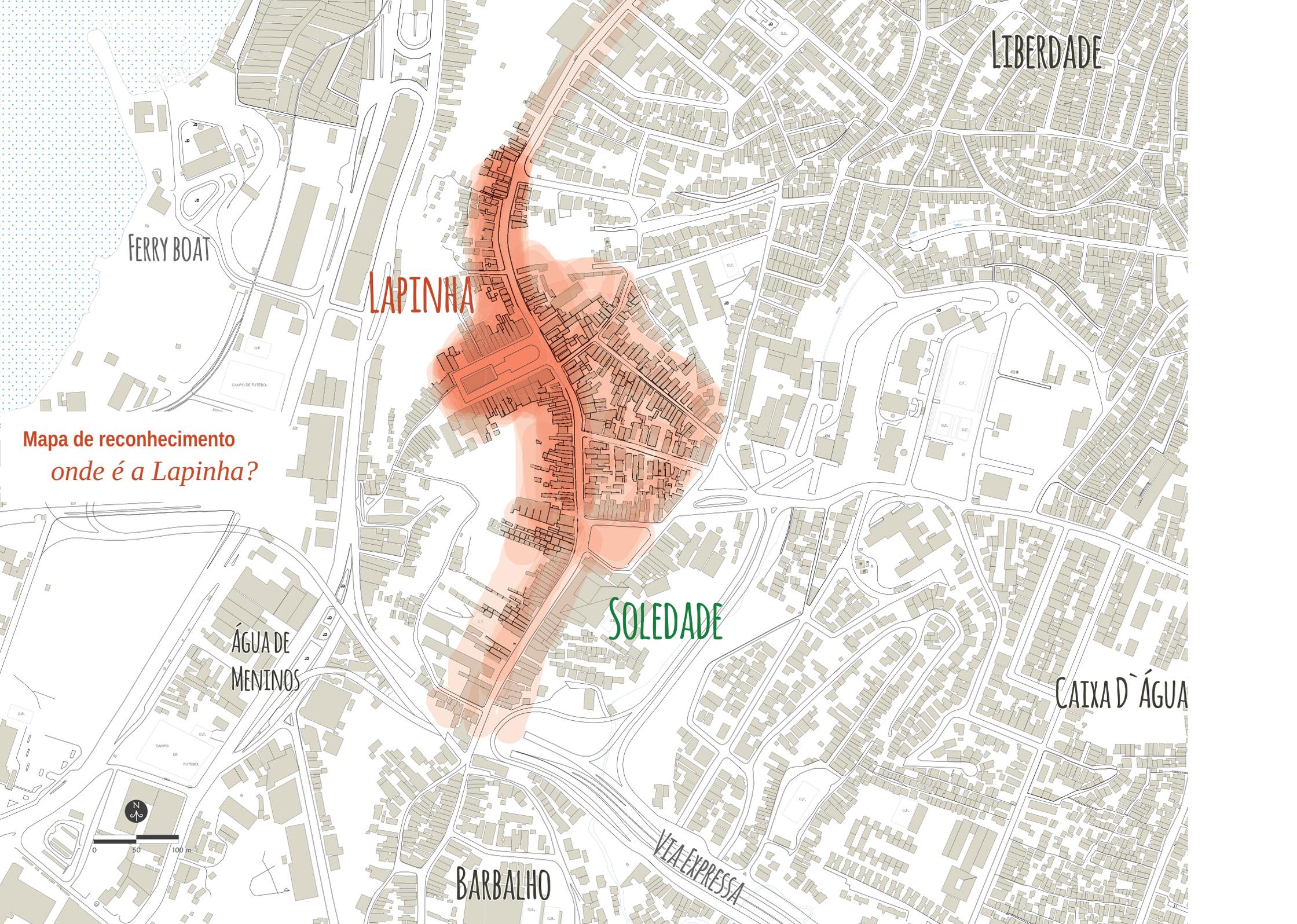
“Seu Bahia, seu ex-marido e hoje ajuntado” (Teve problemas sérios de saúde bem no período que ela teve que deixar a casa onde morava por causa das explosões da obra, ele era um dos senhores que estavam no bar e ouvia tudo calado)”



croqui de casarão fechado na Ladeira da Soledade

## Mapas de Reconhecimento

A partir desse processo de apreensão do lugar, das respostas que foram obtidas, das conversas realizadas, tudo em uma tentativa de se entender qual era o reconhecimento daquele espaço por seus moradores e usuários, foi estabelecido uma cartografia a respeito dessa experiência, em que chamo de mapas de reconhecimento da Lapinha e da Soledade. A princípio, apesar de considerar uma mesma região de trabalho, achei que seria interessante nessa apreensão diferenciar os dois, pois juntá-los nesse processo poderia confundir ou adensar muito as informações, principalmente por causa das delimitações de áreas com seus nomes como ladeira da Soledade, largo da Soledade, colégio da Soledade, corredor da Lapinha, largo da Lapinha, igreja da Lapinha.



LIBERDADE

FERRY BOAT

LAPINHA

Mapa de reconhecimento  
onde é a Lapinha?

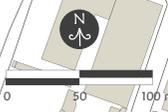
SOLEDADE

ÁGUA DE MENINOS

CAIXA D'ÁGUA

BARBALHO

VIA EXPRESSA



LIBERDADE

FERRY BOAT

LAPINHA

Mapa de reconhecimento  
*onde é a Soledade?*

ÁGUA DE  
MENINOS

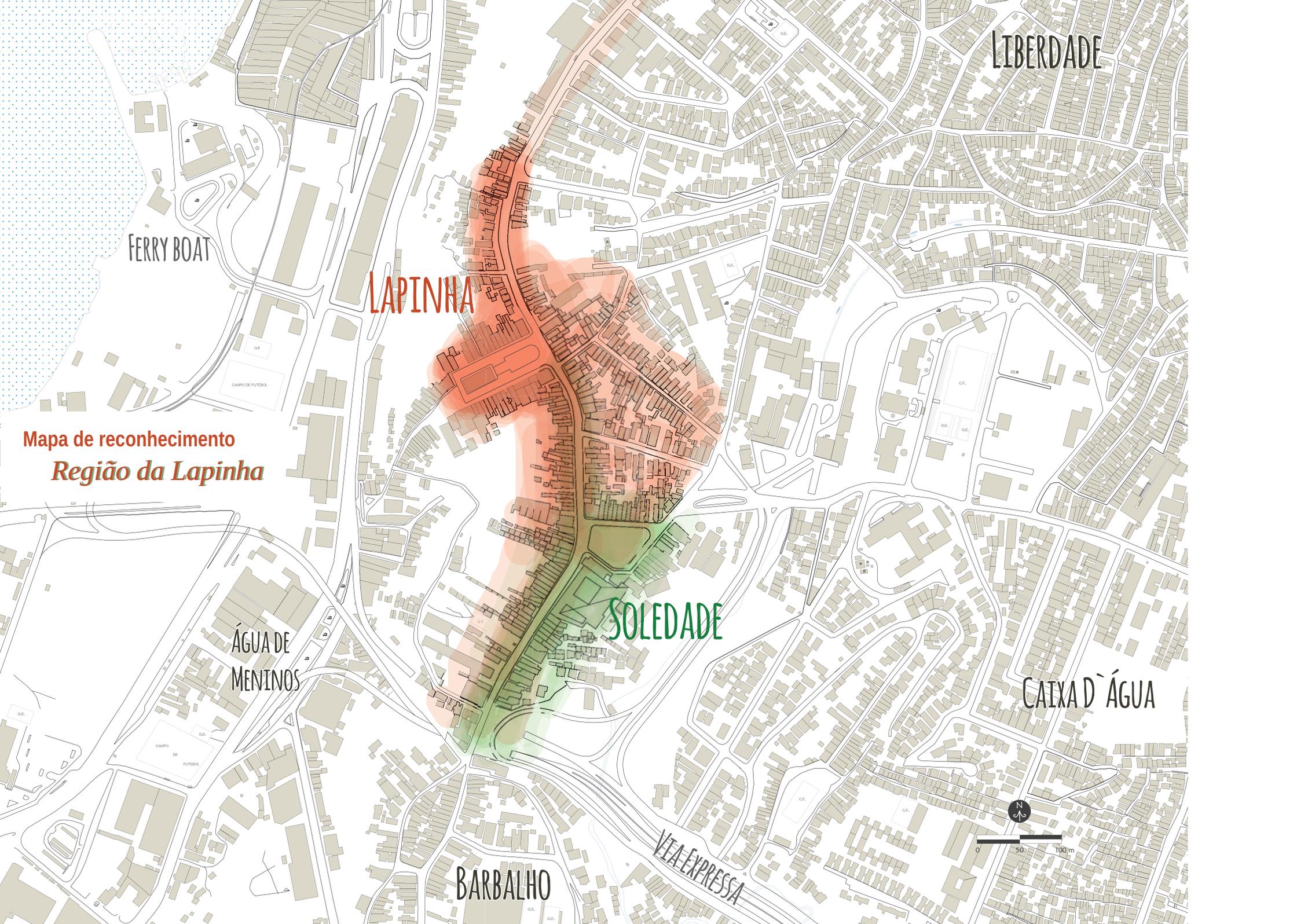
SOLEDADE

CAIXA D'ÁGUA

BARBALHO

VIA EXPRESSA





LIBERDADE

FERRY BOAT

LAPINHA

Mapa de reconhecimento  
Região da Lapinha

ÁGUA DE  
MENINOS

SOLEDADE

CAIXA D'ÁGUA

BARBALHO

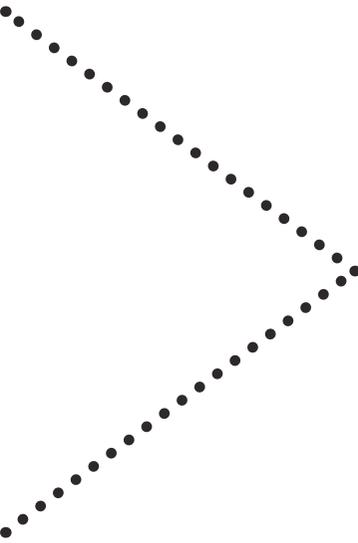
VIA EXPRESSA



Os mapas foram gerados a partir da sobreposição em camadas com opacidade a partir das respostas de cada pessoa.

Ao sobrepor os dois mapas de reconhecimento, obtive um mapa de reconhecimento geral da região, revelando onde as pessoas identificavam aquele lugar, ou assumiam como uma importância maior. De fato, ali se tornava o trecho de maior visibilidade (e reconhecimento), com os largos da Lapinha e da Soledade assumindo um destaque muito grande nesse processo de identificação e aglomeração de atividades; percebe-se contudo uma diferença entre seus usos, com a Lapinha se caracterizando por um fluxo maior de idosos e crianças, principalmente a tarde e uma permanência maior, enquanto na Soledade o fluxo era maior de jovens, principalmente por concentrar colégios em seu entorno próximo, se caracterizando também como um local de passagem, tendo uma rotatividade maior de usuários.

Essas apreensões e análises mostraram primeiramente uma visão mais ampliada, as diferentes formas de se ver o bairro, aumentando minha percepção e recriando meu próprio imaginário. Em segundo lugar, a identificação desse trecho de maior visibilidade, e dos locais de maior aglomeração, será bastante importante nas análises futuras.



# **Festa do 2 de Julho**

**e suas apropriações**

*O Largo da Lapinha constitui-se num dos espaços públicos de Salvador onde acontecem, desde 1824, as comemorações da Independência da Bahia, significativa para a história e para o imaginário da população baiana. No largo, situa-se o Pavilhão 2 de Julho (1860), abrigo dos carros alegóricos do Caboclo e da Cabocla, que desfilam acompanhados pela população no dia 2 de julho. O cortejo sai do Largo da Lapinha, pela manhã, percorre as ruas do bairro da Soledade, do Santo Antônio e do Pelourinho e pára na Praça Tomé de Sousa. À tarde, o desfile recomeça e vai até o Campo Grande. As comemorações começam, de fato, no dia 30 de julho, com a saída do Fogo Simbólico – símbolo da Independência – de Cachoeira, passando por Santo Amaro da Purificação e Candeias – municípios do Recôncavo Baiano atuantes nas lutas de Independência da Bahia – até chegar, no dia 1º de julho, ao Largo de Pirajá, em Salvador. (PÊPE, RIOS, 2007)*

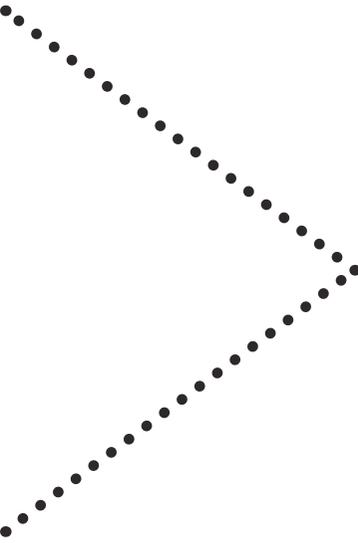
Vivenciei a festa do 2 de Julho duas vezes durante esse trabalho, em 2013 e 2014. Apesar de ser uma festa cívica, organizada institucionalmente, percebi uma identificação e apropriação bastante grande das pessoas, havia uma ornamentação das fachadas das casas, famílias ficavam nas janelas e a rua completamente ocupada: com cerveja, churrasquinho, cachorro-quente, pipoca, brinquedos.

No cortejo se via diferentes tipos de manifestações: políticos, marcha das vadias, marcha contra corrupção, sindicatos, professores, estudantes, fanfarras, o grito dos excluídos. Não sei ao certo, mas existe uma participação popular muito maior no 2 de Julho (Independência da Bahia) do que o 7 de Setembro (Independência do Brasil). O que eu conseguia identificar é que existe uma festa formal, organizada de forma institucionalizada, e uma festa informal, que surge a partir das diversas apropriações das pessoas, a ocupação da rua. Isso foi percebido claramente após a passagem dos cortejos em direção ao Campo Grande, não demorou muito e a equipe de limpeza já estava trabalhando, como se já estivessem desmontando a festa, porém isso não impedia que as pessoas continuassem ali, conversando, tomando cerveja, comendo um churrasquinho, percebia que a casa tinha se expandido para a rua.

Passando depois no final da tarde, quando o trânsito já havia sido liberado, a festa informal continuava, em menor volume, acontecendo principalmente na ladeira e no largo da Soledade. A temporalidade das duas festas, a formal e a informal eram diferentes, se cruzavam e depois se separavam, assim como suas apropriações e simbolismos.







# **Igreja da Lapinha**

**uma mesquita?**

*“A palavra lapa, de origem pré-céltica, ou lapinha, é sinônimo de gruta, caverna ou abrigo. Na língua portuguesa, associou-se o termo lapa a ermida (capela em lugar isolado), igreja, templo ou local sagrado. O diminutivo de lapa, lapinha, designa, no Nordeste do Brasil, nicho ou presépio, montado para as festas de Natal e Reis.”*  
(Pêpe, Rios, 2007)

O largo da Lapinha é um dos locais de maior identificação da região junto ao largo da Soledade. Tem como uma das características principais ser um local de permanência, onde as pessoas param para conversar. Devido à carência de outros equipamentos públicos na região para o esporte e lazer, o largo da Lapinha é subvertido muitas vezes ao seu caráter inicial de desenho, de forma, em que o mini-anfiteatro é utilizado para se “jogar bola” (futebol), ou de pista para o aluguel de carrinhos elétricos para as crianças, o que muitas vezes esses usos divergem com as ações no interior da igreja por causa do barulho.

A paróquia da Lapinha tem grande influência simbólica e efetiva no local, tendo um caráter agregador e dinamizador proporcionado por diversas ações religiosas e assistencialistas, o que cria um vínculo grande com a comunidade. Entre as celebrações religiosas mais importante da paróquia destacam-se a Festa de Reis e a de Nossa Senhora da Consolação, porém, ao longo de todo o ano existe celebrações e festividades menores realizada pela paróquia a fim de celebrar ritos religiosos e promover ações sociais e de integração com a comunidade, ocorrendo dentro da igreja como também em sua área externa, no largo, criando assim mais uma camada de sobreposição nesse espaço.

A igreja da Lapinha tem sua origem datada em 1771, era uma capela que foi erguida pela Irmandade Nossa Senhora da Lapa. Em 1925, já sob comando da ordem dos Agostinianos, ela passa por sua reforma mais significativa que lhe dá o status de ser a única igreja no Brasil em estilo moçárabe, na verdade o seu interior que apresenta essa característica, enquanto que exteriormente sua arquitetura é eclética, misturando colonial e neogótico(Lapinha, 1997). Essa reforma foi coordenada pelo Frei Leão Uchôa, que era arquiteto, e teve seu fim no ano de 1930, quando é entregue a comunidade; com ela, houve a ampliação da igreja em largura e comprimento, o seu interior foi decorado com mosaicos vindos de Granada, Espanha, as paredes e tetos forma aplicados gessos, em alto-relevo, com desenhos geométricos que se repetem uniformemente, complementando o estilo moçárabe, “os altares, o púlpito, os conjuntos de colunas, as cores e até as inscrições árabes fizeram-na semelhante a uma mesquita”(Lapinha, 1997).





## Mesquita?

O interior da igreja da Lapinha é algo que fascina bastante, principalmente pela sua diferenciação perante as outras igrejas na sua influência moçárabe.

Coincidentemente, li uma reportagem de jornal (A Tarde, 6/10/2014) em que falava da influência dos Malês (os escravos da África de origem muçulmana) na Bahia e que a igreja da Lapinha teria vestígios dessa influência.

Se suas ornamentações já transitavam no meu imaginário, aquela reportagem me deixou bastante curioso, era o conhecimento de uma história, até então, nunca revelada dessa forma para mim, será que a igreja da Lapinha tenha sido em algum momento uma mesquita?

Para saber melhor sobre o assunto, procurei o Centro Islâmico da Bahia, na tentativa de alguma informação a respeito. Saí de lá mais curioso do que cheguei, não se existem provas que ali tenha sido uma mesquita, mas me foi relatado que muitos pesquisadores que já visitaram a igreja afirmam que ela tem características muito próximas de uma mesquita como um púlpito, sua ornamentação e sua orientação estando apontado para Meca, além de um relato de uma mãe de santo que disse a uma pesquisadora que ali já foi uma mesquita.

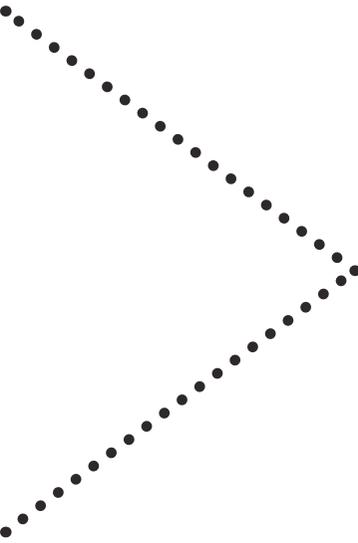
O que se sabe também, é que Frei Leão Uchôa, responsável pela reforma da igreja, era da Ordem dos Agostinianos Recoletos que tem sua origem na em Castela, na Espanha, onde houve forte influência moura, sendo isso, um dos motivos para a escolha desse estilo para o interior da igreja.

*“Frei Leão Uchoa, um sacerdote e Arquiteto espanhol da Ordem dos Agostinianos, vindo de Castela, na Espanha, com todo esse histórico cristão-árabe em sua bagagem cultural, étnica, e religiosa, diante da oportunidade de liderar a reforma de uma igreja sob sua administração, certamente quis fazer apenas uma homenagem à sua terra natal, e ao legado histórico-religioso que ela possui, implantando assim, a bela e detalhada arquitetura mourisca (moçárabe) na reforma da Igreja da Lapinha. E quem sabe, poder assim, sentir-se um pouco mais próximo de suas origens, em terra brasileira.”<sup>11</sup>*

Uma história riquíssima e cheia de mistérios em que a verdade factual pouco importa dentro desse processo de apreensão, o que nos interessa é que isso já faz

11 - <http://www.gazetadebeirute.com/2013/08/igreja-da-lapinha-estilo-mourisco-no.html> (acessado em 03/04/2014)





# **Festa de Reis**



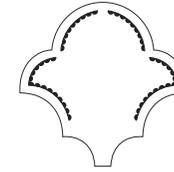
parte do imaginário interferindo nas percepções e ações no espaço. A festa de Reis acontece entre os dias 4, 5 e 6 de janeiro, e faz parte das comemorações natalinas que se iniciam em 24 de dezembro, terminando no dia 6 de janeiro.

*Em Salvador, a festa popular de Reis ocorria em alguns pontos da cidade, como os bairros da Penha, de Itapuã, do Rio Vermelho e da Lapinha. Hoje, ocorre apenas neste último. Nos anos 1960, os ternos que se apresentavam na Lapinha saíam da Sé à meia-noite de 5 de janeiro e desfilavam até a Lapinha, apresentando-se durante a madrugada. Além de Salvador, o reisado acontece em diversas cidades do interior da Bahia. (Pêpe, Rios, 2007)*

Presente no calendário oficial de Festas Populares do governo do Estado, a Festa de Reis tem uma representatividade local grande, sendo ela uma das mais importantes para a região, junto ao 2 de Julho. Esses são os dois momentos em que a Lapinha deixa de ser um local opaco para receber uma luminosidade momentânea, atraindo a atenção da mídia.



Apesar dessa luminosidade pontual, a festa para se manter passa por grandes dificuldades dentre elas a falta de apoio financeiro para a organização da festa, além da manutenção dos próprios ternos de reis, que a cada ano apresenta um número menor de participantes, um conjunto de falta de recursos e da renovação das tradições populares pelos mais jovens. Porém, a falta de um agente externo que reorganize e molde a festa através de recursos e padronizações visuais como o Estado ou algum outro patrocinador faz normalmente em festas desse tipo, é o que a faz ter seu caráter bastante popular e autêntico, é na improvisação e no querer



## ***Estandartes***

fazer das pessoas que essa festa mantém o seu encanto.

Sabendo das dificuldades do terno da Lapinha, resolvi que tinha que contribuir de alguma forma, além de achar que seria um momento importante para uma imersão maior na dinâmica local, ajudando a entender melhor as relações que se estabeleciam ali. Dentre os diálogos que houve, fiquei responsável pela confecção dos estandartes<sup>12</sup>. Minha ideia era que sua confecção ocorresse de forma participativa, no meio da praça, atraindo a comunidade, porém a escassez de tempo, além das próprias festas de final de ano desagregaram uma produção mais coletiva, por ventura, contei com a ajuda de um amigo, Ricardo, que mora na região, para o corte das peças. Nesse contexto, desenvolvi os estandartes em cima das ideias iniciais rabiscadas por Naide, coordenadora do terno da Lapinha, nisso ficou estabelecido que seriam quatro estandartes, dois identificando o terno da Lapinha (Anunciação), outro com a estrela do oriente, e o último com o anjo da anunciação; como os dois últimos eram mais figurativos, foram mais fáceis de fazer; os dois primeiros, que seria o que identificaria o terno tiveram um estudo maior, pois seu desenho, suas cores, tudo deveria remeter as características e simbologias do terno, e principalmente, deveria ser algo em que os participantes se identificassem com aquele objeto iconográfico, pois ali estariam representando, reforçando os laços de afetividade com o terno e com a festa em si. Para isso, utilizei uma forma que eles já estivessem familiarizados, o desenho de um dos azulejos da igreja, presente em seus imaginários, remetia a própria materialidade daquele espaço interno, transpondo para o seu exterior. E acompanhado da tipografia desenvolvida, junto as cores do terno, formaram a configuração final do estandarte.

Essa foi uma experiência única, desde a sua confecção até o seu uso pela comunidade, que ficaram muito agradecidos. Se o objetivo dessa parte do processo era uma apreensão “de perto, de dentro” (Maniani), nesse momento estava me sentindo mais próximo, vivenciar aquelas dificuldades e ajudar a superá-las

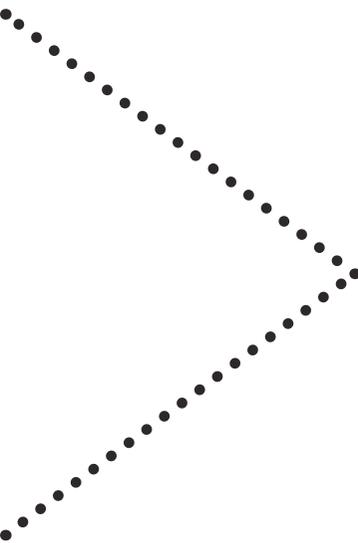
12 - Os estandartes são alegoria que são carregadas por membros do terno, ficando em uma posição de destaque, reforçando a identidade do terno.









A decorative graphic consisting of two parallel dotted lines that converge to a point on the left side of the page, forming a large, hollow arrow shape pointing towards the right.

# Locais de precariedade

*(apontados pela Igreja e pelos  
Direitos Humanos)*

me dava uma percepção muito diferente da festa e principalmente das relações estabelecidas entre a comunidade da paróquia da Lapinha, uma experiência singular e bastante gratificante.

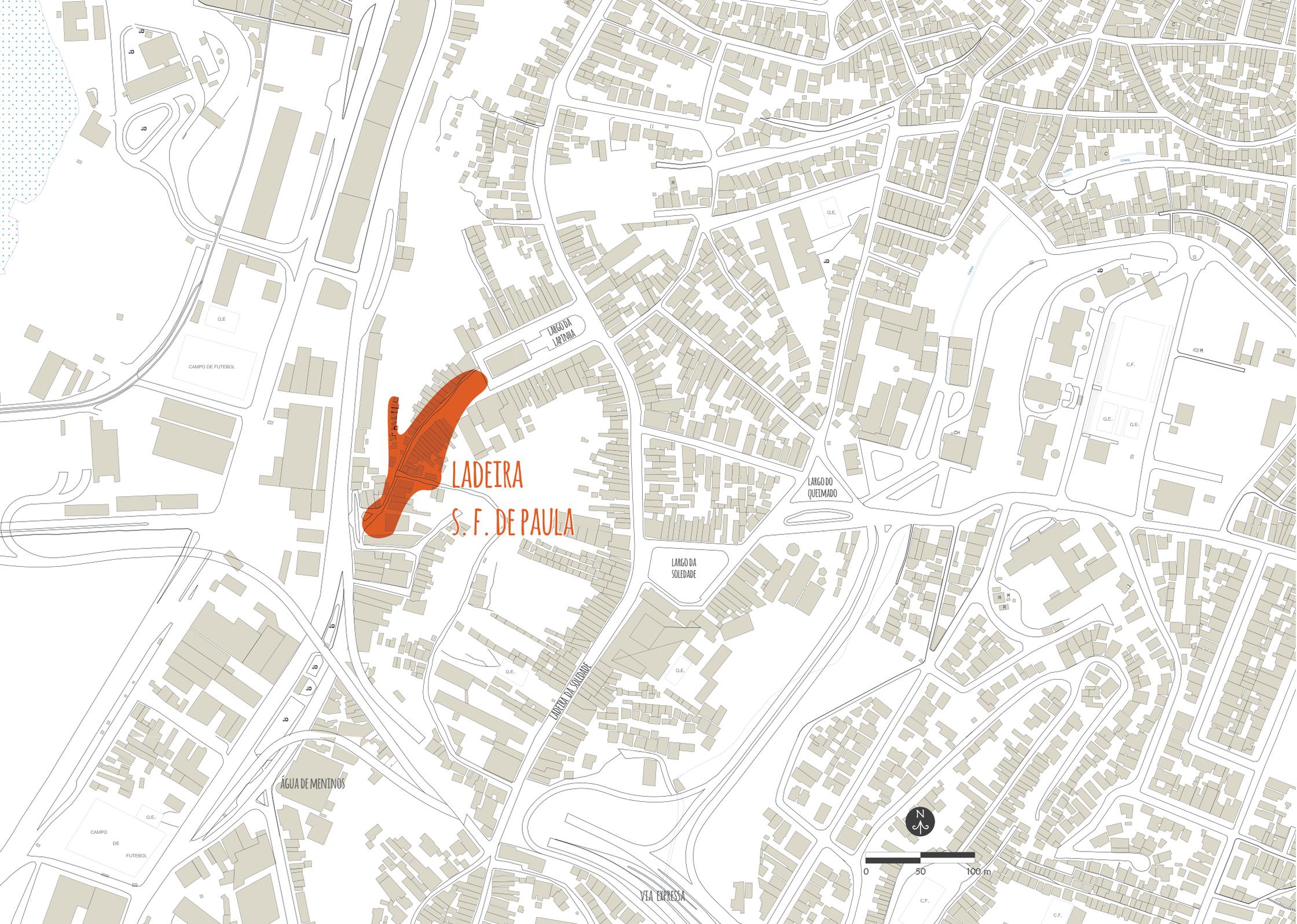
A igreja da Lapinha realiza algumas ações em comunidades próximas da região, levando um pouco de recursos materiais, mas principalmente um conforto espiritual para aqueles que passam por dificuldades. Além da igreja da Lapinha, existe também a igreja de São Francisco de Paula, localizada no início da ladeira que leva o seu nome; ali é feito um acolhimento de moradores de rua dando-lhes oficinas e refeições através de uma parceria com o governo municipal, porém, esse ano (2014), as verbas foram reduzidas drasticamente comprometendo esse trabalho. Por último, existe o Centro dos Direitos Humanos, localizado em frente ao largo da Lapinha, onde tem um raio de ação mais abrangente, pois sua área de atuação ultrapassa os limites do próprio bairro.

Através dos diálogos com essas entidades, foram relacionados locais em condições de precariedade<sup>13</sup> de suas moradias e do seu entorno próximo. Essa situação está relacionada pela ausência dos poderes públicos nesses locais, junto à baixa renda dos moradores que dificultam alterações daquela paisagem<sup>14</sup>, causando uma estagnação de ações e uma depreciação dos bens construídos. Seguem os locais citados com suas problemáticas apontadas preliminarmente por essas entidades e pela minha própria percepção, carece aqui, ainda, a visão dos habitantes desses espaços<sup>15</sup>, que é de fato quem vivencia as dificuldades no dia-dia.

13 - O termo precariedade aqui usado refere-se as condições que causem danos a saúde humana por ser insalubre, decorrentes por causa de pouca iluminação, ventilação, infiltrações, falta de esgotamento, de escoamento do lixo; como também, por causa da própria condição física das edificações, em situações instáveis, não resistindo a intempéries ou que partes venham a se desmembrar, causando riscos aos seus moradores.

14 - “A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal.” (Santos, 2006)

15 - “No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade.” (Santos, 2006)



LADEIRA  
S. F. DE PAULA

LARGO DA  
LINDAIA

LARGO DO  
QUEIMADO

LARGO DA  
SOLEDADE

LARGO DA  
SOLEDADE

ÁGUA DE MENINOS

CAMPO  
DE  
FUTEBOL

VIA EXPRESSA



0 50 100m

## Ladeira São Francisco de Paula

Localizada atrás da Igreja da Lapinha, a ladeira comporta uma vila bastante antiga, séc. XIX), fazendo a ligação entre a Lapinha (cidade alta) e a Água de Meninos (cidade baixa), sendo uma importante acesso para os moradores e usuários da região; e muito usada na festa do Bonfim. Existe também uma ligação que sai na ladeira da Soledade, caminho esse, pouco utilizado por aqueles que desconhecem o local. Uma característica interessante desse lugar é ter no seu início a igreja da Lapinha, na parte alta, e no seu final, na parte mais baixa, a igreja que leva o seu nome, além de ter dois terreiros de Candomblé.

A igreja de São Francisco de Paula realiza um trabalho de acolhimento a moradores de rua, oferecendo-lhes atividades de arte-educação e algumas refeições, uma dessas atividades podem ser observadas no tratamento do seu jardim, onde é empregado a reutilização de materiais que seriam descartados.

Dentre as problemáticas observadas destacam-se o calçamento precário, cheio de buracos e escorregadio, agravando-se em dias de chuva onde a drenagem das águas pluviais é bastante crítico. Outro problema é o adensamento das edificações, onde muitas famílias moram em ambientes bem pequenos, além da falta de ventilação e uma insolação acentuada no período da tarde por se tratar de uma área poente, tornando um lugar quente e abafado.





# AMARELINHO



CAPO DE FUTEBOL

LARGA DA LINDA

LARGO DO QUEIMADO

LARGO DA SOLEDADE

LARGA DA SOLEDADE

ÁGUA DE MENINOS

CAMPO DE FUTEBOL

VIA EXPRESSA



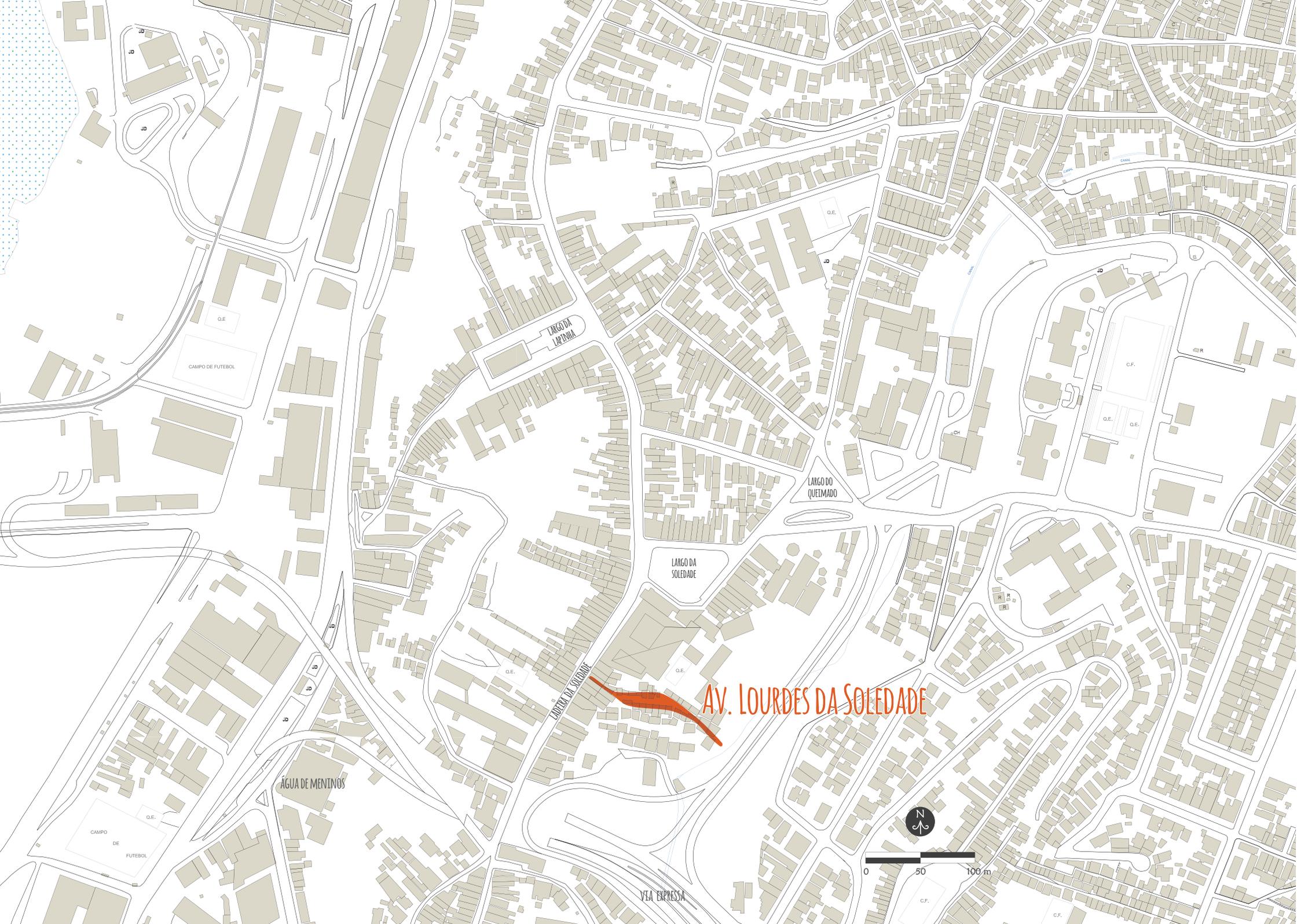
## Comunidade do Amarelinho

Uma ocupação irregular da encosta atrás da delegacia. Seu nome tem origem no bar Amarelinho que ficava na esquina da escadaria que desce para a comunidade. O número de residências não é muito grande e uma relação de proximidade grande entre as famílias. A pastoral de ação social da Lapinha faz trabalhos rotineiros na comunidade seja pesando as crianças, fornecendo cestas básicas ou reunindo para fazer orações.

Entre as problemáticas encontradas começam desde sua chegada, com uma escadaria irregular, assim como a pavimentação das ruas, além da falta de um sistema de drenagem das águas pluviais. Falta também uma contenção para um barranco que vai se deteriorando em cada chuva que ocorre. Na encosta, um outro problema é o lixo, trazendo insalubridade, doenças e pequenos deslizamentos.







LARGO DA LINDAIA

LARGO DO QUEIMADO

LARGO DA SOLEDADE

LARGO DA MENINOS

AV. LOURDES DA SOLEDADE

ÁGUA DE MENINOS

VIA EXPRESSA



0 50 100 m

## Av. Lourdes da Soledade – 131

É uma vila foi formada pelos trabalhadores oriundos do antigo dono do casarão que é por onde se dá o seu acesso principal. Tombado pelo IPAC, o casarão encontra-se escorado e desocupado devido a um acidente em que um pedaço da estrutura da cobertura caiu sobre uma pessoa matando-a, nessa ocasião o casarão foi interditado e conseqüentemente o acesso à vila. Para resolver tal situação, o IPAC criou um outro acesso para o vale do Queimadinho, o que porém, desagradava aos moradores, pois tornava o caminho até a rua principal, a ladeira da Soledade, mais longo e perigoso, a noite. Após o escoramento, o acesso à vila pelo casarão foi liberado, além da contratação de um segurança para impedir que o imóvel volte a ser ocupado novamente.

Entre as problemáticas principais estão a degradação do casarão e seu impasse do que será feito dele, muitas propostas já foram cogitadas, mas nenhuma delas foi adiante. É observado também a falta de uma área de convivência para os moradores, além da falta de uma pavimentação e drenagem adequadas que poderiam minimizar tal situação.



Acesso pela Ladeira da Soledade



Acesso pelo Vale do Queimado





## Av. Marina

O acesso à vila se dá por um casarão em estado precário de suas estruturas e instalações, porém ocupado por diversas famílias. O problema de acessibilidade nesse local é acentuado, pois na vila existe um morador que é portador de cadeiras de rodas, o que torna inviável o deslocamento de sua casa para a rua principal sozinho, já que a passagem pelo casarão se dá por escadas e um trecho de rampa improvisado com uma inclinação muito grande. Um emaranhado de fios passam pelo casarão até se espalhar pela vila, criando um risco em potencial para algum acidente, potencializado pelo fato do único acesso ocorrer justamente por ele.

*“A única coisa que a gente corria atrás; em tempo de eleição mesmo a gente correu atrás de um... mentiroso... mentiroso! Prometeu, prometeu, prometeu... eu fiquei de parte, porque assim, minha família... Eu não sou daqui, nunca morei aqui. Vim morar aqui depois de casada. Minha família são toda da estrada da rainha. Então assim, eu cresci naquele envolvimento de política. Então não adianta chegar alguém aqui e dizer “eu vou fazer, eu vou acontecer...” e você dar o voto. Muita gente se empolgou. Aí assim, o que a gente... Não só eu como as outras pessoas, tirando as pessoas dos gatos lá na frente, é só botar um medidor em sua porta. É tanto que eu fiz a minha casa e o meu medidor tá aí, ó... É só a única coisa que aqui tem, porque assim, é todo mundo unido... assim... é todo mundo muito unido assim, é... você não vê baderna. Final de semana que a gente fica assim... ou um ou outro, o vizinho dali, entendeu?”*

*“A única coisa que eu até falei para poder fazer – porque assim, meu sogro é vendedor ambulante... idoso também e tem um rapaz da primeira casa que ele é cadeirante. Aí a gente tava todo mundo querendo se juntar para fazer a rampinha dali. Para melhorar o acesso dele.”*

(Relato uma moradora)





Acesso à Av. Marina, Ladeira da Soledade





PRÉDIO WATER CENTER

LARGO DA LINDAIA

LARGO DO QUEIMADO

LARGO DA SOLEDADE

LARGO DA MENINOS

VIA EXPRESSA

CAMPO DE FUTEBOL

CAMPO DE FUTEBOL



0 50 100 m

## **Prédio Water Center (Água de Meninos)**

Trata-se de um imóvel particular ocupado pelo movimento do MSTB. O contato obtido foi através de uma mulher, moradora do local, mãe de 3 filhos e grávida de mais um. Ela fazia parte do programa da Pastoral da Criança vinculada à igreja da Lapinha, onde recebia cestas básicas para não deixar os filhos em desnutrição. Seu marido estava envolvido com drogas, e ela queria que fosse feita uma oração em sua casa. Pelos relatos da equipe da pastoral, a situação de salubridade do edifício estava muito ruim, contendo lixo pelas escadas e corredores, o clima era bastante tenso, principalmente por conta do tráfico de drogas.

Por causa da situação de insegurança, não houve um contato direto nesse local. As últimas informações que me foram relatadas, é que o prédio seria tomado de volta pela justiça e que os moradores seriam retirados dali. Até o atual momento desse trabalho, a situação si configurava a mesma ainda.



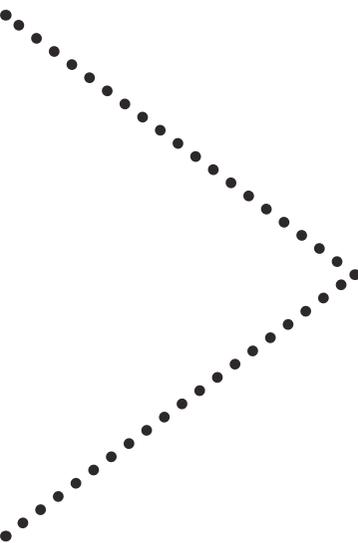
GRAND HOTEL

GRAND HOTEL

WATER CENTER

Power 3





# **Rua para carros e seus impactos**

*(A Via Expressa)*



CALÇADA

LIBERDADE

FERRY BOAT

LAPINHA

SOLEDADE

CAIXA D'ÁGUA

ÁGUA DE MENTINDOS

BARBALHO

SANTO ANTÔNIO

VIA EXPRESSA





As maiores intervenções realizadas nos últimos anos pelos órgãos públicos na região da Lapinha e Soledade ocorreram basicamente na solução do fluxo automotivo, buscando uma melhor fluidez, porém tais medidas provocaram uma desarticulação muito grande entre os bairros na região. Suprimiram a escala do pedestre em detrimento do automóvel, e com isso, se perdeu todo o processo de comunicação, de permeabilidade ali existente.

Antes dos impactos causados pelas obras da Via Expressa, houve uma outra modificação viária na região, a ligação do largo do Queimado a Estrada da Rainha. Tal intervenção ocasionou a retirada das poucas áreas verdes presentes no local, além do corte de uma relação de vizinhança que se tinha. Outra coisa bastante peculiar que também foi perdida, foi uma horta urbana, em um tempo em que nem se falava sobre o assunto, e hoje tão vigente em vários contextos ao redor do mundo.

A Via Expressa, foi sem dúvida, a obra com maior impacto na região, na verdade ela é a maior obra viária da cidade nos últimos 30 anos. Seu início ocorreu em 2007, sendo entregue em setembro de 2013. Com um traçado mais modesto, seu projeto foi modificado em 2009, dando os contornos do desenho atual. Houve muitos problemas técnicos na sua execução, como o túnel e o viaduto que não se comunicavam por erros de cálculo, acarretando o atraso da obra e o gasto desnecessário de recursos públicos.

Através das pesquisas realizadas na Conder e no IPAC, não foi encontrado nenhum material a respeito dos estudos de impactos que a obra teria na região. O Material mais consistente sobre a área foi encontrado no IPAC, sendo um estudo de verificação do estado de conservação e ampliação da área de tombamento da região da Soledade, uma parceria com a Faculdade de Arquitetura da UFBA, coordenado pelo professor Luiz Antonio Fernandes Cardoso, entre 2010 e 2011, além de fotos do local e um mapa com a área de tombamento e a via expressa.

Na Conder, além de não conseguir informações sobre as obras, e impactos, da via expressa (nesse período a obra estava em processo de finalização), outras informações a respeito de ações do órgão para a região eram desarticuladas entre seus setores. As únicas informações obtidas foram sobre programa Rememorar I e II<sup>16</sup>, onde me foi apresentado o projeto para o Solar da Bandeira, localizado na ladeira da Soledade, porém nunca realizado por causa da descontinuação do programa.

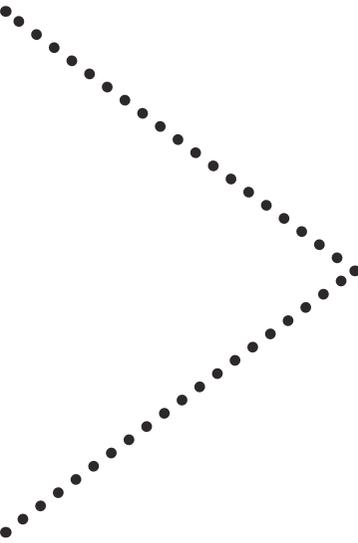
16 - O Rememorar foi um projeto do Governo do Estado, que contou com a parceria da Prefeitura Municipal de Salvador, em que casarões em estado de arruinamento, localizados no Centro Antigo de Salvador seriam recuperados para moradia tendo como público-alvo para a ocupação dessas moradias servidores estaduais.



A obra da Via Expressa foi bastante prejudicial para a região, faltou um estudo de impacto que mostrasse como a obra gerou a desarticulação entre os bairros da Soledade, Caixa D'Água, Barbalho e Macaúbas. Optou-se por privilegiar o automóvel, esquecendo todas as relações de vizinhança ali presentes. Por ali o andar era o comum, as pessoas iam de um bairro ao outro pelas vielas, precisava-se apenas cortar a antiga Estrada da Rainha, uma via de mão dupla e com um fluxo de carros não muito intenso. Hoje o que lhes separam são 10 faixas em que a única forma de contato são através de passarelas, espaçadas, de fato, um bloqueio.

Para a Região da Soledade, além da quebra de articulação com os bairros vizinhos, as explosões ocasionadas pelos túneis da Via Expressa danificaram várias edificações criando rachaduras, e em alguns casos, havendo a necessidade do escoramento. Muitos dos pequenos comércios da região, principalmente aqueles logo acima dos túneis, fecharam e hoje essas edificações encontram-se em estado de arruinamento. Tal fato criou um esvaziamento na região, pois muitas dessas edificações, além de comércio também eram habitações, criando insegurança e desarticulando a vida daqueles que moravam, e que moram, ali através da perda de relações, sejam elas de forma afetiva nas relações de vizinhança ou nos serviços do dia a dia.

A via expressa nasce com um objetivo e no decorrer se transforma em outro, erros de execução, superfaturamento, desvios de recursos, são alguns dos inúmeros problemas ocorridos durante o seu processo de construção, mostrando a desarticulação do Estado nas ações de seus diversos órgãos. Porém um problema mais grave antecede todo esse processo, é a falta de um pensamento urbano conciso, de um entendimento das relações, das apropriações das pessoas, de subjugar as necessidades daqueles que tem menor poder aquisitivo, invisíveis na dinâmica social, em que o indivíduo torna-se aquilo que consome. Ou seja, para aqueles que estão a margem do ter, seus direitos, seus desejos e necessidades são negados a partir do momento que não são colocados como prioridade em ações urbanísticas como essa, suas vidas são desestruturadas em prol de uma ideia ilusória de bem comum, mas que de fato visa a fluidez, a velocidade, as conexões necessárias ao capital das grandes corporações por meio de produtos, serviços,



# **Moradores de rua no sanatório Ana Nery**

em que as relações humanas são trocadas por relações estritamente de consumo, o cliente.

### **Moradores de rua no sanatório Ana Nery**

Um caso que foi bastante intrigante durante o processo de apreensão do lugar, foi a súbita ocupação do sanatório Ana Nery por moradores de rua. Em princípio suas causas eram desconhecidas, porém logo depois se revelou o que parecia ser uma ação de limpeza social<sup>17</sup> da cidade para a Copa das Confederações, em que Salvador seria uma das sedes do evento.

O sanatório Ana Nery teve suas atividades clínicas encerradas em 2005, e desde então encontra-se fechado. Antes do início da Copa das Confederações, a prefeitura teria promovido uma limpeza social nas áreas centrais da cidade retirando os moradores, com a promessa de que as pessoas que estivessem ali participariam do programa minha casa minha vida<sup>18</sup>, isso fez com que o imóvel abrigasse mais de 600 pessoas<sup>19</sup>. Em virtude dessa grande aglomeração de pessoas de grupos sociais diversos, houve também vários conflitos de interesses gerando brigas e violência<sup>20</sup>, relatos do Centro dos Direitos Humanos, e de notícias extraída de jornais, diziam que a situação era de bastante precariedade.

Trazendo a estigmatização causada pelas condições sociais estabelecidas, os ocupantes do sanatório eram vistos com discriminação pelos moradores da região, em que alegavam insegurança com a presença deles, principalmente nos largos.

Apesar de a prefeitura não dizer oficialmente que se tratava de uma ação de limpeza social, até porque para sua imagem não seria bem-visto, porém era bastante claro a situação de higienização das áreas centrais em decorrência do megaevento que era a Copa das Confederações, que nada mais é do que um teste para a Copa do Mundo que aconteceria no outro ano. Com isso, era bastante conveniente colocar aqueles que eram “indesejados” em um local não lembrado pela maior parte da cidade, essa situação reforçava ainda mais a ideia inicial desse trabalho, a Lapinha como um vazio no imaginário na cidade, um local não presente na memória das pessoas, um Vazio Geográfico, sendo que a ação da prefeitura seria caracterizada pelo Vazio Conveniente, que é a utilização da invisibilidade social, e imagética, do local para implantar processos impositivos sem nenhum diálogo ou preocupação com a população local utilizando-se de sua fragilidade organizacional e associativa de caráter reivindicatório.

Durante esse processo, já se passaram a Copa das Confederações e a Copa do

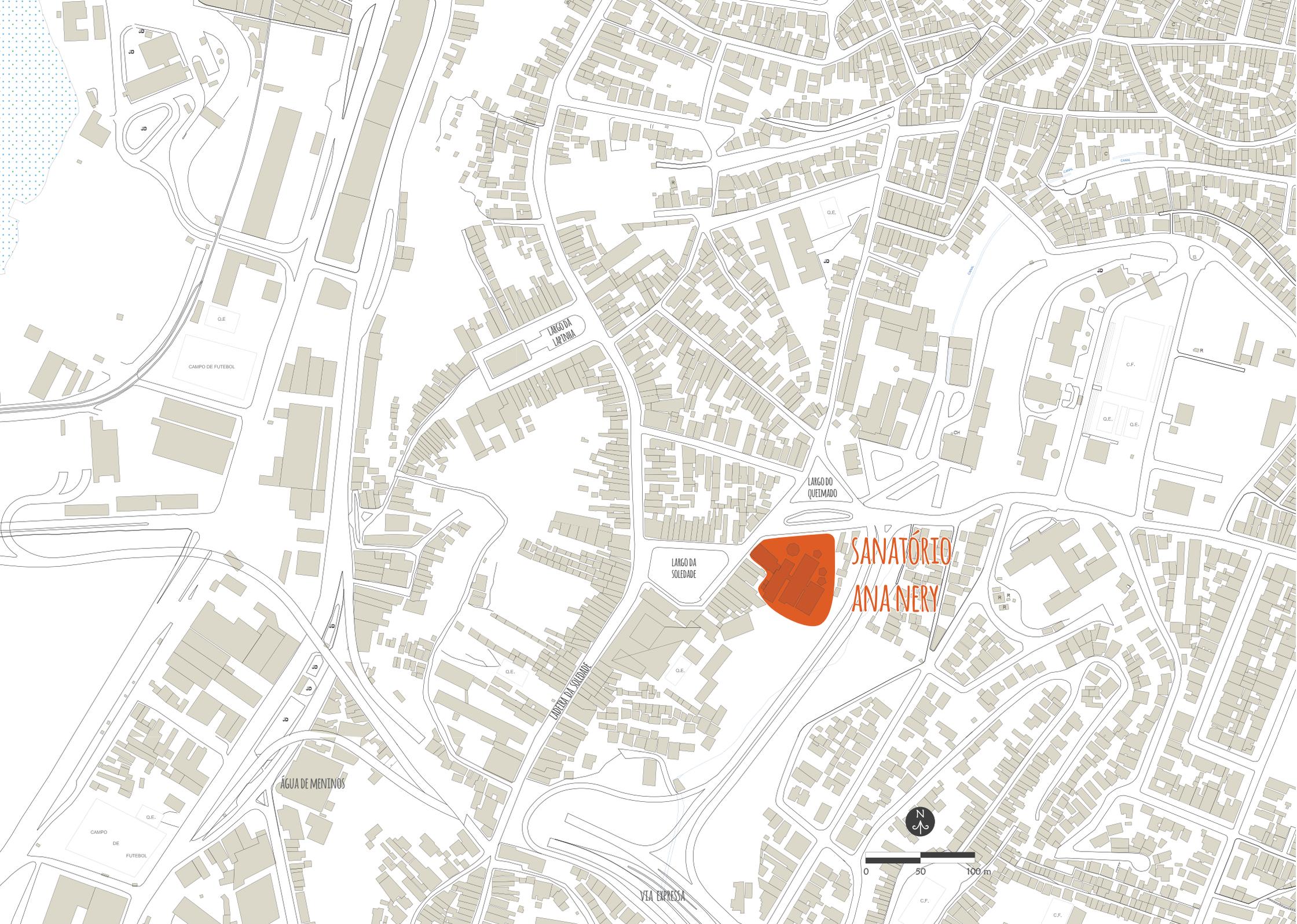
17 - “Integrantes do Movimento Nacional da População de Rua denunciou à Defensoria Pública do Estado da Bahia que a prefeitura da capital estaria retirando deliberadamente moradores de rua do Centro da cidade e arredores da Arena Fonte Nova. O motivo seria a Copa das Confederações.” (A Tarde - on line - 26/06/2013)

18 - Relato de uma mulher que morou ali durante 1 semana, e confirmado por relatos de outras pessoas, essa era a informação de boca-boca que circulava pela região.

19 - A Tarde - 26/06/2013

20 - Relatos de violência entre os ocupantes do local era recorrente, e até de homicídios. (A Tarde - 26/06/2013 e 10/10/2014)

21 - A Tarde – Reportagem de 21/11/2014: Casa Ana Nery será desocupada até 21 de dezembro.



SANATÓRIO  
ANA NERY



CAMPO DE FUTEBOL

LARGO DA LINDA

LARGO DO QUEIMADO

LARGO DA SOLEDADE

LARGO DA MENINOS

ÁGUA DE MENINOS

CAMPO DE FUTEBOL

VIA EXPRESSA



0 50 100 m

Mundo, e a situação atual é de total abandono sobre o local. A última informação<sup>21</sup> que se teve até o momento era um acordo firmado entre os moradores restantes, a Defensoria Pública do Estado da Bahia, a Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (Semps), e o Ministério Público Estadual (MP-BA), em que as 40 famílias restantes teriam que sair do local, recebendo o auxílio-aluguel durante seis meses e acompanhamento do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), destinando o uso da edificação para a construção de uma escola municipal. Tal situação nos leva a uma questão que é se perguntar se de fato uma escola municipal é o melhor programa para aquela edificação, será que não poderia ser um centro para abrigar moradores de rua de forma temporária, ou então explorar a grande área que se tem criando equipamentos de lazer para a região, tão carente desses espaços, enfim, o que quero salientar é a falta de um diálogo da Prefeitura para saber o que seria melhor para a região, sempre se colocando de forma impositiva as suas ações.

www.atarde.com.br

ASSISTÊNCIA

# A TARDE

100 anos

Salvador, Terça-feira, 16 de junho de 2010

FUNILIONER: LEONILTO SIMÕES FILHO



## ASSISTÊNCIA Abrigo na Soledade, que chegou a ter mais de 600 pessoas no mês passado, agora está com 470 internos

### Sem-teto voltam às ruas após fim da Copa da Fifa

Moradores de rua voltaram a ocupar as imediações da Arena Fonte Nova. Ontem, 15 dias depois do encerramento da Copa das Confederações, a reportagem encontrou pelo menos sete deles, abrigados embaixo do viaduto que liga a Ilha de Itaipé a Nazaré, perto do Vale de Nazaré e no entorno do estádio. Durante a Copa, a partir de denúncia do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, constatou-se que as pessoas que viviam nessa área haviam sido levadas para a Casa de Saúde Ana Nery, no Largo da Soledade. Na ocasião a casa abrigou mais de 600 pessoas, número reduzido nos últimos dias para 470. SALVADOR 44

“É necessário motivar a pessoa em situação de rua a enfrentar o problema”

JOVIANNA NETO, assistente social

44

REGIÃO METROPOLITANA

# SALVADOR

VIOLENCIA: Mulheres e separação após violência

Violência no Quilombo

ASSISTÊNCIA

## Após a Copa, moradores de rua voltam ao entorno da Fonte Nova

Secretário diz que prefeitura procura fazer a 'parte humana'

De acordo com o secretário Maurício Trindade, os atuais moradores da Casa de Saúde Ana Nery recebem café da manhã, almoço e jantar. Além disso, segundo o gestor municipal, todos estão sendo atendidos por psicólogos e assistentes sociais.

“Vamos fazer um planejamento para as pessoas que lá estavam no local, a identificação delas não é necessária porque não são moradores fixos de áreas de risco, ou que podem receber o auxílio. Porém, por causa da pressão de outros órgãos e de denúncias, não podemos manter moradores”, ele informa.

A maioria da população que vive no entorno da Arena Fonte Nova não voltou ao local na manhã de ontem, no entanto, moradores da portaria afirmaram que a entrada de volta partilhada com a identificação da comunidade é necessária para a segurança “para” e que não se espera.

Abrigo

Trindade garante que o abrigo do Largo de Roma e da Casa de Saúde Ana Nery devem ser entregues em cinco dias para serem ocupados por famílias. Segundo ele, a prefeitura não possui condições para receber famílias que não tenham documentação. “A prefeitura não possui condições para receber famílias que não tenham documentação”, ele afirma.

“A prefeitura não possui condições para receber famílias que não tenham documentação”, ele afirma.

Cientista político critica ações “militaristas”

O cientista político e presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, Luciano Melo, considerou “militaristas” as ações policiais para pessoas em situação de rua, utilizadas pela prefeitura.

“Tem-se uma visão legalista de intervenção, muitas pessoas foram forçadas a deixar os lugares ou tiveram a mudança de trabalho destruído. Isso são indícios de que há uma possibilidade de ter havido uma herança na cidade por conta da Copa das Confederações”, afirma.

Para Melo, a necessidade de implementação de políticas de moradia é uma prioridade. “A prefeitura não possui condições para receber famílias que não tenham documentação”, ele afirma.

Curta

Igreja celebra Senhora Sant’Ana

Boipeba é destaque em site de turismo

Palmeira debate cultura em Portão

A TARDE

SAVADOR QUINTA-FEIRA 17/7/2010

SALVADOR REGIÃO METROPOLITANA

# SOCIAL

## Famílias de sem-teto serão transferidas para outros abrigos pela prefeitura, que espera desocupar imóvel em 2 meses

### Casa de Saúde Ana Nery vai virar escola pública

LUANA ALMEIDA

Dentro de dois meses, o imóvel onde funciona a casa de Saúde Ana Nery, no Largo da Soledade, será desocupado e transformado em uma escola em tempo integral, da rede municipal de ensino. O anúncio foi feito ontem pelo titular da Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (Semps), Maurício Trindade.

Para isso, o secretário pretende deslocar os moradores em situação de rua que ocupam a casa para os seis abrigos da prefeitura e para mais 20 casas que serão alugadas pelo município e transformadas em albergues.

Já as pessoas que não concordarem com a mudança poderão pleitear a Semps uma quantia em dinheiro para o pagamento de aluguel social durante seis meses.

“Agentes da secretaria já estão em busca de imóveis para alugar. Além disso, a prefeitura já dispõe de 13 imóveis que estão em processo de arrematação e reforma para receber essas pessoas e abrigá-las de forma adequada”, afirmou Trindade.

Segundo o secretário, também foi criada ontem uma nova equipe de abordagem, que já retomou o trabalho de convencimento junto a pessoas em situação de rua em diversos bairros da cidade.

Novas abordagens

No retorno das atividades, 36 pessoas foram abordadas, sendo 31 delas cadastradas para receber benefícios sociais e nove para iniciar imediatamente tratamento no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centros Pop).

As abordagens foram realizadas nas regiões da Vasco da Gama, Bonocó, Dique do Tororó, Av. Centenário e Vale do Canela. Até o dia de hoje, as pessoas devem ser levadas para o abrigo do Largo de Roma, que estava em reforma.

Em 26 de junho, A TARDE mostrou a situação da Casa de Saúde Ana Nery, que abrigava cerca de 600 pessoas em condições bastante precárias.

Em visita ao local, a equipe de reportagem constatou que crianças, adultos, idosos transportavam livremente em malas e lixo e animais.

Violência e tráfico

Nas dependências do imóvel, onde funcionava uma clínica psiquiátrica, moradores denunciaram casos de violência e tráfico de drogas.

Na ocasião, integrantes do Movimento Nacional da População de Rua acusaram a prefeitura de estar retirando moradores de rua do Centro da cidade e arredores da Arena Fonte Nova por conta da Copa das Confederações.

Na última terça-feira, A TARDE verificou que, com o encerramento do evento esportivo da Fifa, os moradores de rua retornaram aos arredores do estádio.

Em 26 de junho, defensores públicos visitaram o imóvel



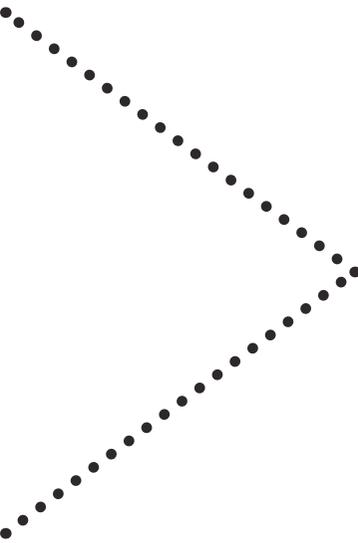
Curta

Igreja celebra Senhora Sant’Ana

Boipeba é destaque em site de turismo

Palmeira debate cultura em Portão





# **Locais de Vulnerabilidade**

*(Invisibilidade)*

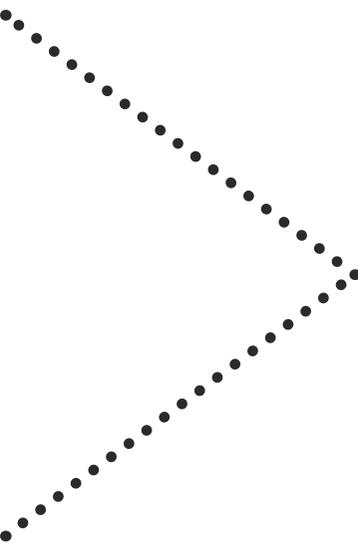
Percebemos sua casca e seus farelos, porém desconhecemos, e ignoramos, o que se passa em seu interior, de fato, um vazio conveniente.

A partir dos processos de apreensão descritos anteriormente, na junção com o que o outro me dizia, das suas experiências cotidianas, em conjunto às minhas próprias interpretações e inquietações sobre esse mesmo lugar, foi desenvolvido uma cartografia de locais de vulnerabilidade<sup>22</sup>. É importante deixar claro que tal mapeamento é resultante dessas minhas experiências, não sendo ele algo definitivo e delimitado, acredito que outras formas de apreensão e da própria temporalidade desse processo resultaria em um olhar diferente, e conseqüentemente, em um outro mapeamento, por isso, acredito que essa cartografia não é algo fixo, mas um

22- Definiremos como locais de vulnerabilidade, aqueles espaços relatados anteriormente em um estado de precariedade, em que seus habitantes não apresentam poucas condições de mudança da paisagem em que estão inseridos fato de estarem em meio a complexa rede de negação de seus direitos, indo desde fatores externos, como também a própria ideia que lhes foram impostas sobre si mesmo, de aceitação.



## *Mapa dos locais de Vulnerabilidade*



**Vazio(s)**

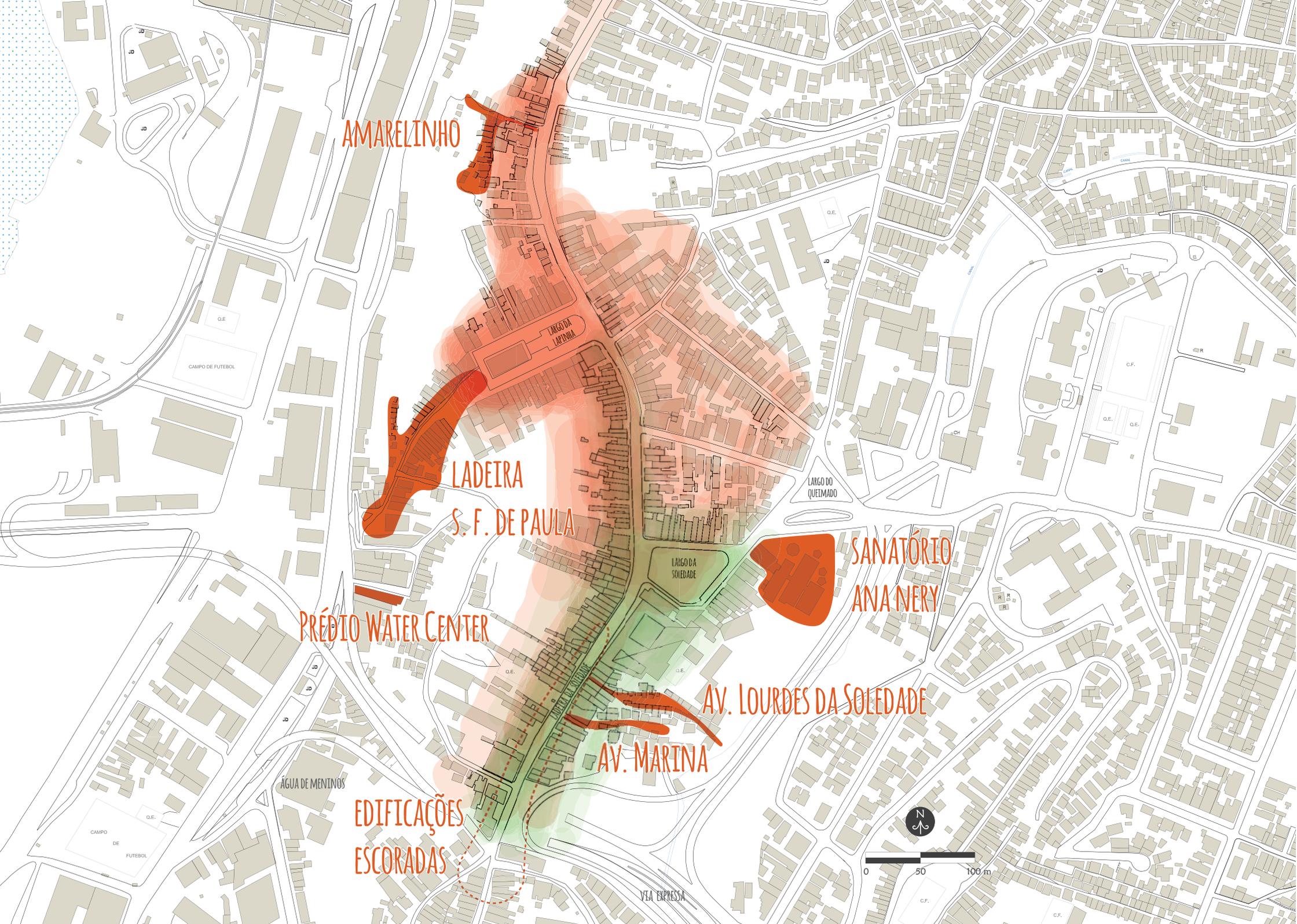
**Imaginário(s)**

*os vazios do vazio*

ponto de partida que poderá ser modificada a qualquer momento, principalmente por achar que deva existir outros locais com tais características, mas que a profundidade desse trabalho não foi suficiente em abordar.

Durante o processo de montagem<sup>23</sup>, ao observar o mapa de percepção, em que mostra o trecho de maior reconhecimento do bairro por aqueles que o vivenciam, e o mapa dos locais de vulnerabilidade, a sobreposição deles revelou uma nova percepção desse espaço e de sua conformação. Percebi que os locais de vulnerabilidade, marginais aos processos dominantes do urbanismo atual, estão geograficamente, de fato, a margem do espaço de maior visibilidade do bairro. Em um primeiro momento a análise era da Lapinha como um vazio no imaginário da cidade, apresentando uma luminosidade(visibilidade) pontual, agora, em uma análise mais próxima, percebe-se os vazios presentes no próprio bairro. Se a Lapinha é colocada como um espaço opaco, vazio, mesmo tendo luminosidades pontuais, os locais de vulnerabilidade apontados seriam os vazios do vazio, em que, enquanto no trecho de maior visibilidade, ainda recebe alguma atenção dos

23 - O processo da montagem urbana, ou simplesmente montagem, é uma das metodologias utilizadas nesse trabalho, em que consiste na “disposição “lado a lado”, em uma mesa ou quadro sinóptico, de narrativas - “documentos” dos mais variados, textuais e/ou imagéticos e, dentre eles, aqueles considerados “documentos históricos” e/ou registros mneumônicos – bem distintas e por vezes contraditórias e anacrônicas e, sobretudo, a partir do choque entre suas diferenças, tanto de conteúdos quanto de formas de narração” (Jacques, 2014)



AMARELINHO

LADEIRA  
S. F. DE PAULA

PRÉDIO WATER CENTER

SANATÓRIO  
ANA NERY

AV. LOURDES DA SOLEDADE

AV. MARINA

EDIFICAÇÕES  
ESCORADAS



0 50 100 m

VIA EXPRESSA

ÁGUA DE MENINOS

CAMPO DE FUTEBOL

LARGO DA LAPIDIA

LARGO DO QUEIMADO

LARGO DA SOLEDADE

CAMPO DE FUTEBOL

CAVALARIA

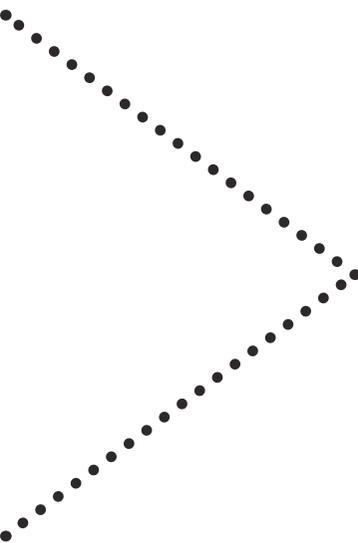
C.F.

O.E.

C.F.

C.F.

*Cruzamento entre os Mapas de Reconhecimento  
do bairro com o Mapa de Vulnerabilidade*



**Proposta**

poderes públicos, enquanto isso, tais locais vulneráveis estão totalmente excluídos dessa atenção, em que seus direitos são negados a partir do seu esquecimento, da invisibilidade de seus problemas e necessidades, tornam-se um vazio conveniente. A configuração inicial da problemática desse trabalho era a visibilidade da Lapinha em relação a cidade e como isso agia na formação do seu espaço. Essa ideia partia de um olhar mais distanciado do lugar, analisando as forças externas atuantes ali. Após o processo de imersão, assumindo uma postura mais antropológica<sup>24</sup>, do contato com o espaço, como outro, ou seja, de uma apreensão mais de perto, novas reflexões e abordagens foram feitas, e com isso, um deslocamento do olhar.

A invisibilidade do bairro para a cidade não era mais visto como um problema principal, pois de certa forma, essa situação mantinha aquele espaço ainda com características bastante singulares, principalmente a forma como ocorriam as suas festas e apropriações, assim como, as relações de vizinhança entre os seus moradores, o comércio e serviços em uma escala mais local, além dos processos de espetacularização e gentrificação muito menores, quando comparado ao bairro do Santo Antônio Além do Carmo, em que isso vem ocorrendo nos últimos anos (MOURAD, 2011).

Apesar disso, o vazio conveniente praticado pelos agentes governamentais e os seus processos impositivos é o que mais tem afetado a região, pois agem sobre um tecido urbano de grande fragilidade associativa, não sendo questionados, nem encontrando barreiras nos processos de espetacularização do urbanismo contemporâneo em que a cidade vem sofrendo como no caso da Via Expressa e da “ocupação” do sanatório Ana Nery.

Esse novo olhar fez perceber que a ação urbana deveria ocorrer de dentro para fora, e não o inverso, de caráter impositivo formal como a arquitetura e o urbanismo contemporâneo estão acostumados a lidar, com suas cidades globais e planejamentos estratégicos (MAGNANI, 2002); a interferência do outro, daqueles que vivenciam o lugar, suas opiniões e desejos devem ser colocados como prioridade na formação desse espaço, pois são suas práticas que o torna singular.

Trabalhar os Vazios Imaginários da Lapinha torna-se então o foco, são esses espaços opacos, esquecidos, que necessitam de uma atenção mais urgente nesse momento, negligenciados não apenas pelos poderes públicos, mas também pelo imaginário do próprio bairro, estão esquecidos, escondidos e muitas vezes negados mesmo que diante de nós. Então, “tornar os espaços opacos(vulneráveis) visíveis para todo o bairro” é a ação resultante desse processo de apreensão e análise, trazendo-os para os locais de maior reconhecimento e visibilidade do bairro,

24 - “...o que caracteriza o antropólogo é essa formação para “ser afetado” por outras experiências. Por isso, é que vamos a campo munidos de teorias e voltamos retroalimentando-as...” (URIARTE, 2012, p. 172)

retirando-os do anonimato e ampliando a percepção do que é essa região chamada de Lapinha, e Soledade, provocando novas possibilidades de uso e apropriações através da percepção existencial do outro, de suas problemáticas, em um processo de comunicação, de tornar comum<sup>25</sup> para que haja a sensibilização e uma reflexão a cerca de si mesmo a partir dessa outra realidade, identificando-se em problemas similares, para se criar uma rede de ações de transformação participativa pelos próprios moradores através dos seus saberes e do empoderamento de novos conhecimentos em conjunto com arquitetos, urbanistas e outras áreas do conhecimento formal; um estado de reflexão contínuo.

### Comunicar – Sensibilizar – Refletir – Transformar

Apesar de parecer utópica, tais ações já ocorrem em várias relações dentro da cidade informal, onde o estado é omissivo, é a dinâmica do bater laje<sup>26</sup>, em que há uma cooperação dos seus habitantes por diversos fatores, ou seja, essas ações associativas já estão presentes na dinâmica social desses espaços, o que se pretende acrescentar é um estado reflexivo de consciência coletiva e individual, e o empoderamento de saberes entre os moradores. É fazer com que os habitantes façam parte de forma consciente das forças que compõem a formação do espaço habitado, mostrando que seus conhecimentos também são importantes, gerando diálogos mais horizontais<sup>27</sup> e trocas entre si.

Outro rebatimento a ser buscado nesse processo é o fortalecimento das associações, da criação de redes entre os moradores, criando resistências contra as forças impositivas dos processos hegemônicos que resultam nas segregações, e exclusões, rebatidas no espaço urbano.

Tais propostas confrontam o próprio papel habitual do arquiteto e urbanista, em suas práticas, na concentração de decisões, na busca de um objeto formal e acabado. Esse embate ocorre, pelo fato do espaço urbano ser algo em constante transformação, incompleto em sua essência, o que se busca é “...um jogo contínuo, onde todos os atores continuam a negociar...”<sup>28</sup>(DE BIASE, 2012, p. 198). Nesse processo, o arquiteto deixaria de ser o detentor do desenho e tornar-se-ia um mediador de relações, em que seu traço surge muito mais como uma provocação do que uma afirmação, sua função seria trazer aquele que habita o espaço para a responsabilidade do projeto também, legitimando os seus saberes e estabelecendo uma relação de troca, e, a partir dos diferentes pontos de vista, criar ações mais

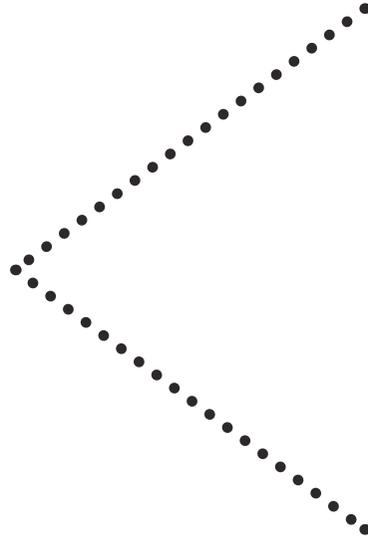
25 - “ “Comunicar”, lembra-nos H. Laborit (1987, p. 38) “etimológica -mente significa pôr em comum”. Esse processo, no qual entram em jogo diversas interpretações do existente, isto é, das situações objetivas, resulta de uma verdadeira negociação social, de que participam preo cupações pragmáticas e valores simbólicos, “pontos de vista mais ou menos compartilhados”, em proporções variáveis, diz S. van der Le ecew (1994, p. 34). Nessa construção, pois, além do próprio sujeito, entram as coisas e os outros homens. Segundo ainda G. Berger (1943, 1964, p. 15) “a ideia dos outros implica a ideia de um mundo.” (SANTOS, 2006)

26 - Em bairros populares, o ato de bater uma laje, que é chamar parentes, vizinhos, amigos, conhecidos para ajudar na sua concretagem ocorre por não se possuir recursos para um maquinário adequado ao bombeamento do concreto até o nível superior, por isso, existe a necessidade de várias pessoas, que em conjunto, transportam o concreto por baldes que são passados de mão em mão até se chegar no patamar onde ocorrerá a concretagem. Ao seu término, é comum uma confraternização entre todos com uma feijoada e cerveja. Os fatores que levam a agregação das pessoas são os mais diversos, ocorrendo por companheirismo, amizade, identificação com a dificuldade do outro, ajudar agora para ser ajudado futuramente, engana-se que é puramente pela diversão posterior, da “cachaça de graça”, as relações sociais estabelecidas pelo beneficiário e sua família contam bastante nesse processo.

27 - “Mas os lugares também se podem refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo.” (SANTOS, 2006)

28 - “Retomando completamente o ensino geddesiano, o projeto, em qualquer escala, da arquitetônica à urbanística, é proposto como um processo onde o habitante como todos os outros atores implicados, inclusive o arquiteto urbanista, trabalham juntos.” (DE BIASE, 2012, p. 196)

# Exemplos Metodológicos



singulares e condizentes com cada lugar, respeitando suas particularidades e o desejo de seus habitantes.

Nesse processo de negociação e de troca com o outro não há um método ou regra a ser seguida, o que encontramos são experimentações, caminhos possíveis para se estabelecer um diálogo. É certo que, em geral, esse tipo de abordagem leva muito mais tempo que os processos convencionais do urbanismo contemporâneo, é preciso de um tempo lento, menos objetivo, apesar da pragmaticidade da vida cotidiana, e com um produto final incerto devido ao ir e vir desses diálogos. É um tatear no vazio, respeitado as relações locais, seus signos, suas condutas.

O processo de criação deixa de ser o formal para o relacional. Tentar entender aquele que habita o espaço não é simples, passa pela desconstrução primeiramente de si, e depois do outro, e dele consigo mesmo, desfazendo aquilo que lhe foi colocado impositivamente, aquilo que lhe foi negado<sup>29</sup>, a criação de um novo imaginário de possibilidades em que o desenho surge para atender as necessidades humanas, de conforto, de um bem-estar coletivo, isso nas suas mais diferentes possibilidades de ser e de se entender, e não simplesmente a submissão de um processo de adaptação contra opressões que lhe são feitas; pois, por mais que o homem consiga se adaptar a isso, essa violência estará presente ainda, sendo externalizada contra si mesmo ou contra o outro.

É importante analisarmos processos semelhantes de desenvolvimento de trabalhos mais participativos, ver suas características comuns, e principalmente, mostrar que é possível a construção desse pensar, o seu rebatimento prático na teia de relações e formas que isso propicia. Para isso, citaremos os exemplos de Giancarlo de Carlo, e o despertar do olhar dos operários de Terni; Alejandro Aravena, com o projeto de reestruturação urbana participativa em Quinta Monroy; a rede Design Possível que trabalha com cooperativas empoderando-as no desenho de seus produtos; A ONG Teto, com sua metodologia de assistência social emergencial para uma solução compartilhada com a comunidade; e por último, o Curiar, escritório modelo de Faculdade de Arquitetura da UFBA, e suas dificuldades encontradas dentro e fora da faculdade nas suas ações.

## Giancarlo de Carlo

Arquiteto italiano, graduou-se em 1949, em Veneza, fazendo parte do Team X<sup>30</sup>, grupo de arquitetos que criticavam o modernismo; foi um dos difusores de uma arquitetura participativa e acreditava que isso envolvia muito mais o que o desenho

29 - Desconstruir o imaginário de opressão que as pessoas são submetidas, onde se cria limites e padrões do que elas podem ou não ter.

30 - “O Team X constituiu-se por um grupo de jovens arquitetos modernos que iniciaram a crítica aos preceitos dos CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), principalmente em relação ao urbanismo, ao contestar a Carta de Atenas redigida por Le Corbusier. O grupo, liderado, pelo holandês Jacob B. Bakema e composto pelos britânicos Alion e Peter Smithson, pelos franceses Georges Candilis, Alexis Josic e Sadrach Woods, pelo italiano Giancarlo De Carlo, pelo holandês Aldo Van Eyck, dentre outros, procuraram estabelecer as bases da crítica à velha guarda do modernismo, através da condenação do funcionalismo e da exploração de “métodos” capazes de extrair dos novos universos tecnológicos todas as suas potencialidades vitais.” (MARQUES, 2010, p. 205)

proporcionava, era em si uma atitude política, porém não negava a função do arquiteto nesse processo de construção compartilhada (MARQUES, 2010). Para ele, o fazer com os habitantes era sempre um processo de experimentação, em que cada grupo, cada comunidade, entendia e percebia a sua ação de forma diferente. Achava que a produção de uma arquitetura com muitos atributos tecnológicos deixava-a sem o caráter humano, por não permitir modificações pelos seus usuários, preferia uma baixa tecnologia para ser compreendido por todos.

Dentre os projetos e planos participativos do qual desenvolveu, destaco o projeto das casas dos operários em Terni. Primeiramente houve um processo de mudança do olhar dos operários sobre si mesmos, em reconhecerem o que de fato eram suas necessidades e desejos e não apenas em aceitar aquilo que era denominado comumente para eles.

*Quando mostrei os projetos, a reação dos operários foi: “Isso não são casas para nós, são coisas caras!”; e eu disse: “deixemos o dinheiro de lado; vocês querem viver bem ou não?” Pois este é o ponto: não podemos escolher a arquitetura pelo que custa, mas pelas necessidades humanas. E então mudaram rapidamente de pensamento. (DE CARLO, 2002)*

Giancarlo também fala da dificuldade que teve em se aproximar e ter a confiança dos operários, e a tradução dos valores que estavam ali em diálogo.

*Devo dizer, porém, que a reação imediata das pessoas é de desconfiança, pois o arquiteto pertence a uma classe social mais alta que a deles e então não confiam nele. Precisa muito tempo para conquistar a sua confiança, para poder discutir.*

*Depois, quando se passa esta fase, se começa a falar de verdade das coisas que precisam, como vêm as coisas. É uma grande lição. O seu modo de falar da janela é diferente do nosso. Para nós arquitetos, a janela é uma questão técnica e estética. Para eles, é uma questão de vida: a luz, o vento, a chuva que entra e precisa enxugar, se tornam todo um outro modo de ver as coisas, muito formativo para um arquiteto. (DE CARLO, 2002)*

Por último, e mais significativo, foi a modificação da postura política dos operários depois da participação desse processo. Os seus olhares já estavam alterados,

e conseqüentemente, a visão de mundo, não se consideravam mais apenas operários subservientes, queriam participar no modo como as coisas lhe afetavam diretamente, queriam propor também. O empoderamento de seres humanos providos não de ordens, mas de desejos, vontades era nítido, e não apenas a legitimação de suas próprias vontades, mas também reivindicando-as.

*“Quando a direção da fábrica me pediu que fizesse o projeto, eu disse que sim, mas com participação. Depois, quando viram que a participação é coisa séria, ficaram irritados. Na ocasião, os operários ficaram sabendo de uma mudança nos postos de trabalho da fábrica e quando pediram para conversar com a direção, a resposta foi que o assunto não cabia aos operários. “Mas como? Participamos para o projeto das casas, temos que participar também dos postos de trabalho, é a mesma coisa!” Havia nascido à idéia de que participavam de tudo, o que era um grande sucesso para mim, por haver reportado esta convicção, e um grande medo para a direção da fábrica.” (DE CARLO, 2002)*

### **Alejandro Aravena (Elemental)**



Quinta Monroy fica em uma área central da cidade de Inquique, no Chile, onde habitam cerca de 100 famílias. Passou por um processo de reestruturação urbana diferente do habitual, em que essas famílias seriam alocadas em áreas periféricas da cidade sem nenhuma estruturação urbana. Ao invés disso, elas foram mantidas ali, onde já habitavam há cerca de 30 anos ilegalmente. Em um programa habitacional social chileno, o escritório Elemental desenvolveu junto com os moradores um projeto urbano participativo com qualidade, superando a escassez de recursos.

O projeto destaca-se primeiro por não se pensar em habitações de interesse social com áreas mínimas, mas no conforto de seus usuários. Para superar a limitação orçamentária, as habitações seriam feitas em duas etapas, a primeira subsidiada pelo governo e a segunda sendo realizada utilizando-se a autoconstrução, ou seja, os moradores que ficariam responsáveis pela ampliação de suas residências, o que representa para eles um significado de apropriação muito maior.

Esse exemplo mostra a importante contribuição que o arquiteto pode dar no desenvolvimento urbano em conjunto com aqueles que irão de fato ocupar os espaços construídos, em um diálogo entre os saberes formais e informais, complementando-se para o entendimento e desenvolvimento da realidade vivida. Com isso, manteve-se famílias com baixo poder aquisitivo em uma área central

da cidade, repleta de recursos, em que o normal seria expulsá-las dali para locais mais afastados, tão usual em processos urbanos contemporâneos de limpeza e higienização dos centros das cidades para a instalação de atividades que gerem lucro; além de proporcionar uma habitação de qualidade, a partir da interação dos seus habitantes no seu desenvolvimento e na sua forma final.

## **Design Possível**

O Design Possível é uma associação que trabalha no empoderamento de grupos de artesãos periféricos na área do design, para melhorias em seus produtos, na sua gestão e comunicação, entre outras maneiras, contribuindo para a geração de renda deles.

“Acreditamos num design ecologicamente correto, socialmente justo e economicamente viável.” (Design Possível)

O que traz o Design Possível como exemplo de inserção com o outro é a sua habilidade em um desenho, de fato, colaborativo, no que diz respeito a técnica, ao traço, em que fornece ao artesão conhecimentos e novas formas de enxergar o próprio trabalho e o seu produto, dando-lhes autonomia não apenas no fazer, mas principalmente no conceber, e do olhar.

Utilizando a tecnologia social “Possíveis Empreendedores”, que é a capacitação dos artesãos através do design, a metodologia foca na criação de um perfil empreendedor, transformando-lhes em agentes modificadores de sua própria realidade. A primeira coisa a se verificar dentro de cada grupo são as habilidades que cada pessoa tem, e como ela é desenvolvida. Dentro de um prazo médio de 3 a 6 meses há palestras, aulas para a introdução de conceitos de design, além de um nivelamento de conhecimentos e técnicas, para que todos do grupo, da cooperativa, tenham conhecimento de todo o processo de produção. O desenvolvimento e melhoramento dos produtos acontece de ordem bastante prática, é o aprender fazendo, tentativa e erro, é a utilização das técnicas que eles já conhecem e principalmente, não se apresenta para eles um desenho pronto, o grupo que precisa absorver os novos conhecimentos passados e criar em cima disso, é ensinar a fazer para que o pensamento se torne independente.

Para a representação das ideias, os grupos se utilizam de diferentes técnicas de representação para a elaboração de novos produtos e melhorias dos existentes, sendo a mais recorrente a prototipagem rápida, por utilizar os instrumentos

habituais em que já estão acostumados. Em cima disso, há uma sucessão constante de experimentação de formas, texturas, em que são os próprios grupos que definem quando seus produtos já estão prontos para serem confeccionados.

Durante todo o processo, a busca é por um diálogo horizontal, em que os designers são apenas mais um elemento no desenvolvimento das peças, passando seus conhecimentos para os grupos.

É interessante esse exemplo, pois apesar de ser uma área diferente da arquitetura e do urbanismo, o design apresenta relações bastante próximas, trazendo caminhos de como desenvolver um desenho compartilhado. Porém precisamos salientar que esse tipo de postura ideológica é exceção no ambiente comum do design, que também está intrinsecamente ao tempo hegemônico de produção de bens e serviços, assim como, é importante perceber que os objetos são de escalas diferentes e o seu domínio acerca dele pelo outro.

## TETO



O Teto é uma ONG criada no Chile em 1997 com a missão de trabalhar com comunidades precárias a fim de diminuir a pobreza ali presente, e desde então já construíram mais de 90 mil casas emergenciais na América Latina. Estão no Brasil desde 2006 e em 2014 começaram a atuar em Salvador.

O foco do Teto são as comunidades mais carentes, na busca de uma solução dos problemas ali encontrados junto aos moradores e voluntários, considerando o trabalho comunitário como eixo principal de transformação social.

Para a construção desse senso em comunidade para ações efetivas, há primeiramente uma relação de aproximação, onde naquela localidade é feito o cadastro sócio econômico e a construção de habitações emergenciais em madeira, um trabalho coletivo, para o desenvolvimento de vínculos, de colaboração e das capacidades comunitárias, além de debates entre o grupo. Se houver a mobilização da comunidade, a próxima etapa de trabalho é a criação de Mesas de Trabalho, em que os moradores e os voluntários discutem os problemas locais e buscam soluções para resolvê-los, articulando-se em redes.

Cabe aqui salientar a temporalidade desses tipos de ações, em que até se chegar nas etapas de discussão das problemáticas com a comunidade, existe um caminho, e tempo, de aceitação, de confiança em cima de ações práticas vivenciadas por todos,

pois em um local que sempre foi excluído, a desconfiança, as promessas, é algo bastante presente. E não é apenas um processo de aceitação, mas principalmente de mobilização da comunidade, de um entendimento comunitário de fato, em que se não existir a vontade de cooperação em rede, as ações se tornam meramente assistencialistas, fugindo do objetivo maior que é a autonomia daquele grupo para a resolução de problemas em comum. Também é importante dizer que o tempo, e desenvolvimento, das Mesas de Trabalho é incerto, pois varia-se muitos fatores, desde a quantidade de moradores participando, até a equalização de desejos e opiniões e os recursos necessários para a realização das melhorias.

Algo que é bastante interessante nesse processo do Teto, é a resolução de problemáticas pelo senso comum, desde dos voluntários que não precisam ser especialistas em nada, até os moradores, ou seja, o diálogo ocorre sobre as experiências vivenciadas pelos dois grupos, nas suas diferenças e de como isso, em conjunto, cria novas possibilidades de modificações daqueles espaços e uma nova maneira de se pensar, de se fazer cidade.

## Curiar

O Curiar é o EMAU – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, da FaUFBA – Faculdade de Arquitetura da UFBA, fundado em 2011, ao todo são hoje 31 EMAUs ativos, 10 em formação e 6 inativos<sup>31</sup>. O escritório modelo é uma atividade de extensão dentro das faculdades de arquitetura e urbanismo e têm como foco a experiência prática dos estudantes de graduação na realidade local onde a faculdade está inserida, o seu objetivo não está em fornecer um produto acabado, mas na vivência de um processo como ação realizadora.

É importante salientar a relevância dos EMAUs no fomento a uma construção participativa com as comunidades, de experimentação, um posicionamento comumente pouco abordado dentro das faculdades, ou até negado, quando o ensino da arquitetura e do urbanismo é aplicado com uma visão distanciada do lugar e principalmente de seus habitantes.

O Curiar desenvolve hoje um trabalho de assistência técnica na comunidade do Gantois<sup>32</sup>, configura-se da seguinte forma:

...como um assentamento de baixa renda, sem representação comunitária, com tipologia urbanística caracterizada por pequenos

31 - Retirado do site da FENEA - <http://www.fenea.org/projetos/EMAU> em 25/10/2014

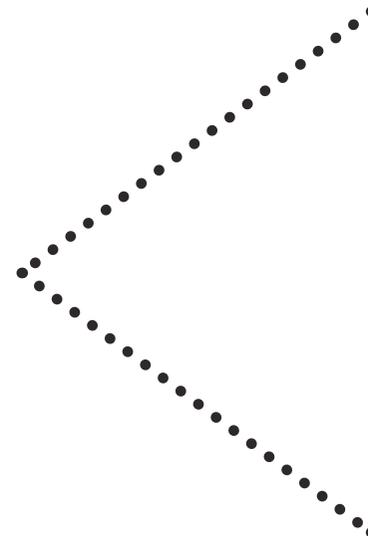
lotes, alta densidade, vias estreitas e tortuosas com íngremes ladeiras e escadarias, carências infra-estruturais e de serviços urbanos, bem como qualidade precária das habitações e do meio ambiente. (CURIAR, 2014)

Dentro do processo de apreensão do sensível e de contato com a comunidade, destaco as ações de empoderamento técnico, realizadas desde julho de 2014, em que são feitas oficinas de conforto ambiental, instalações elétricas e hidráulicas, e de saneamento, com o objetivo de compartilhar conhecimentos técnicos oriundos da faculdade para os moradores, mostrando problemáticas e, principalmente, como resolvê-las. Dentro desse processo, uma das maiores dificuldades relatadas foi de criar uma atenção maior entre os moradores, principalmente, pela falta de uma liderança comunitária para estabelecer essa aproximação. Para minimizar a questão de uma maior participação dos moradores, as oficinas acontecem em formato de feira, onde os materiais são apresentados no meio da rua para que possam ser vistos por quem estiver passando.

O Curiar está presente na comunidade do Gantois a dois anos, isso mostra que a temporalidade desse tipo de trabalho se torna mais lento do que as análises pragmáticas em que estamos acostumados a realizar dentro da faculdade na objetivação do desenho. O Escritório Modelo traz essa possibilidade para o estudante de arquitetura, em vivenciar esse outro tempo, essa outra realidade, tendo importância fundamental dentro da faculdade.

Uma das maiores dificuldades do desenho participativo é a comunicação representativa da forma, na verdade, da ideia que antecede-a. Isso é uma dificuldade do próprio processo criativo e é um problema observado nas próprias escolas de arquitetura, na comunicação professor-aluno, ou entre aluno-aluno nos seus trabalhos coletivos, em que há divergências de percepção de uma mesma ideia que pode estar sendo projetada de forma incompleta, ou sendo interpretada de maneira diferente entre as partes envolvidas. Na tentativa de um parâmetro comum do

# Ação Urbana



objeto a ser analisado, a computação gráfica como a modelagem tridimensional, a parametrização de dados, a interatividade, aparecem como meios de equalizar essas diferentes percepções e dificuldades na representação, porém, isso cria um vício muito grande no domínio estritamente da técnica, ficando soberbamente presos ao seu domínio, criando um estado de exclusão daqueles que não a conseguem. Isso gera uma limitação muito grande para as diversas possibilidades de expressão que a ideia poderia ter, além de parâmetros que estão além de serem representados pelo desenho, e que são suprimidos estritamente pelo poder de sedução de um padrão representativo.

Diante disso, uma ação urbana em que envolva diretamente aqueles que vivenciam o espaço, inclui, dentro das especulações projetuais e do diálogo de desejos e vontades, o desenho participativo, e com ele as dificuldades de comunicação entre as partes, decorrente dos meios desconexos de visão de mundo e da forma como representá-la. A dificuldade de interpretação é inerente para as duas partes, o arquiteto se insere no meio trazendo consigo uma representação técnica formal, com plantas, croquis e volumetrias tridimensionais, enquanto os habitantes do espaço carregam a experiência da prática, traduzindo-a de diferentes formas, com desenhos rabiscados, mímicas, mas principalmente pela oralidade e buscando referências visuais de outros locais. Nesse embate, cabe ao arquiteto o desprendimento de sua vaidade intelectual para o entendimento do outro, assumindo uma postura antropológica (DE BIASE, 2012), o que é uma dificuldade grande, já que em sua formação isso é pouco praticado, prevalecendo a ideia da criação como sendo algo estritamente pessoal e único<sup>33</sup>, assumido como seu algo que será usado pelo outro, é o “meu projeto”, “a minha ideia”, onde tal postura é estimulada, mesmo que indiretamente, durante a maior parte da formação profissional. Então, a partir do momento que o arquiteto assume um diálogo mais horizontal, os habitantes se sentem mais confiantes em expor suas ideias, contextualizando suas necessidades, dando liberdade a expressões de formas múltiplas, uma relação de troca, em que cabe também ao arquiteto provocar e mostrar seu modo de pensar, e principalmente, apresentar outras percepções de realidade, em que ambos os lados saem modificados depois dessa experiência.

33 - Esquece-se das mais diversas referências utilizadas e apropriadas e do caráter múltiplo da criação, busca-se uma originalidade no que não há, principalmente nos dias atuais com o desenvolvimento dos meios de comunicação e a troca de informações a um nível global.

## **Ação Urbana**

### **1 - Interferências Urbanas**

### **2 - Intervenções de Aproximação**

### **3 - Intervenções Estruturantes**

A ação urbana decorrente de todo esse processo de análise do bairro da Lapinha está estruturada em três fases que se relacionam entre si, criando um processo gradativo de aproximação com seus habitantes na busca de um diálogo para um desenho urbano compartilhado, em que soluções surjam a partir do coletivo através do seu empoderamento e provocações, na tentativa de criar um ciclo: comunicar – sensibilizar – refletir – transformar, em que as soluções encontradas em cada espaço, sejam divulgadas para todo o bairro, servindo de exemplo motivacional, podendo ser copiado ou melhorado.

Sua estrutura está baseada na ideia de mostrar os locais opacos do bairro, tornando-os comuns no imaginário local, colocando-os em uma centralidade, isso envolve primeiramente a autoestima desses moradores, construindo uma valorização do indivíduo e de suas ideias, além de ampliar a própria noção sobre o lugar e suas formas de existências e usos. Depois, em cima dessa visibilidade, criar um processo de sensibilização com restante do bairro a partir de um autorreconhecimento na problemática do outro, mostrando que aquela realidade também faz parte da sua, e com isso, desencadear uma reflexão sobre si mesmo, a toda essa parte, chamo de Interferências Urbanas.

Em um segundo momento, chamado de Intervenções de Aproximação, os espaços opacos, agora em destaque, passariam por ações de curta duração e de ordem prática, no melhoramento em suas localidades com o objetivo de uma aproximação maior com seus moradores, adquirindo sua confiança, mostrando a importância e a efetividade do trabalho coletivo através do uso dos seus saberes individuais, empoderando-os, e buscando uma horizontalização do diálogo.

Por último, viriam as Intervenções Estruturantes, que seriam a busca de resoluções dos problemas de forma participativa, utilizando os próprios saberes dos moradores, suas formas de se relacionarem, em que o arquiteto aparece muito mais como um mediador e provocador.

## **Ação Urbana - 1**

### **Interferências Urbanas**

Como uma onda que se propaga sobre o espaço causando interferências por onde passa e transmitindo informações, assim é a proposta das Interferências Urbanas, chegar até as pessoas experiências, realidades, que estão apagadas, margeadas do imaginário local predominante, retirando-as do anonimato e transpondo-as nos lugares de maior visibilidade do bairro.

Sua função é comunicar, transmitir, interferir no modo habitual do olhar cotidiano, fazendo enxergar outras possibilidades de um mesmo lugar, para assim, criar um processo de sensibilização e reflexão sobre sua própria realidade, sobre si mesmo, a partir do momento que há uma identificação na problemática do outro, e percebendo-se, que nem é tão outro assim.

Para isso, Interferências Urbanas tem como suporte instalações efêmeras a serem colocadas em três pontos de maior visibilidade da região da Lapinha/Soledade, aonde seriam fixados informações a respeito dos locais de vulnerabilidade ao qual retratariam. Os três locais de inserção das instalações seriam os Largos da Lapinha e da Soledade, por serem os pontos de maior aglomeração de pessoas e de reconhecimento do bairro; e o mirante no pé da ladeira da Soledade, que apesar de não ser um ponto de aglomeração, tem grande visibilidade, pois está na via principal e é uma quebra no visual em um trecho urbano onde se tem uma predominância de casas germinadas, que emolduram a paisagem, sua escolha também tem como objetivo, trazer uma dinâmica maior ao local, degradado pelas obras da Via Expressa.



As instalações mesclam um caráter de mobiliário urbano, suprimindo alguma necessidade do local onde estão inseridos, assim como são um objeto artístico. Essas duas características têm como função agregar público, dando aos objetos um uso prático em cima de uma carência constatada nesses espaços, assim como, se sobrepondo como um elemento de destaque na paisagem urbana, causando curiosidade e questionamentos. Além disso, como elemento artístico, ele está muito mais ligado ao conceito de interferir no espaço, como arte, ele não tem a obrigação de se impor, determinado os seus usos como normalmente a arquitetura faz, está longe do certo e do errado, sua única obrigação é se revelar ao outro; sensibilizá-lo, ou não, já é uma consequência, um diálogo mais profundo entre as partes; com isso, sem a sobreposição, a alteridade do outro que prevalece, o objeto se deixa ser usado, interpretado, modificado, e até mesmo negado. Apresentando essa característica de apropriação, em que a instalação nunca está em um estado acabado, mas sempre a ser completada pelo outro, ela tem em sua materialidade uma constante incomple-



tude, em que “o inacabado incita a exploração, à descoberta” (JACQUES, 2011, p. 47), e que no caso, a descoberta é sobre si mesmo. Tal aspecto, também já introduz a ideia de um processo participativo, de uma co-autoria, “a noção de autor de uma obra é também posta em questão no momento em que o espectador passa a ser participante: ele se torna coautor da obra quando a veste.” (JACQUES, 2011, p. 36), desfazendo aos poucos a ideia de um arquiteto detentor da forma, assumindo uma postura de provocador.

Outra questão é o caráter efêmero das instalações, sua função é estimular, é desestabilizar o olhar. Em um período maior de permanência ela perderia esse efeito, se tornando mais um elemento da paisagem urbana, assim, a sua própria temporalidade limitada só reafirma também o Vazio Temporal da Lapinha, com sua visibilidade pontual durante algumas épocas do ano.

Os locais de vulnerabilidade foram organizados em três grupos para serem expostos nas instalações levando-se em consideração alguns aspectos em comum; sendo elas chamadas de Visíveis Vazios, Cheios Invisíveis e De Costa para a Encosta, onde ficarão respectivamente no mirante da Ladeira da Soledade, no largo da Soledade e no largo da Lapinha.



As instalações apresentam em suas composições formais características que remetem aos lugares em que estão relacionados, com isso, elas próprias já apresentam

34 - Isso quando comparado a objetos artísticos em que sua tecnologia está além de uma compreensão do público, o que pode causar o seu afastamento, por utilizar uma linguagem que não é entendida por ele.

em sua plasticidade uma crítica às problemáticas dos locais de vulnerabilidade. Seus materiais são constituídos em sua maioria do reúso de madeiras de paletes, trazendo a ideia da reutilização de materiais em algo que já está presente em seu cotidiano, e por ser de fácil manipulação, esses objetos não causariam um distanciamento<sup>34</sup> tão grande como o público, mostrando que eles também são capazes de produzi-los, provocando-os seus imaginários e reforçando a ideia de um empoderamento.

### **Instalação 1 – Visíveis Vazios**

*Localização:* Mirante da ladeira da Soledade

*Locais de vulnerabilidade:* Ladeira da Soledade

Visíveis Vazios tem como local de vulnerabilidade a ser apontado, o trecho da ladeira da Soledade que vem sofrendo por um processo de esvaziamento e arruinação das edificações em consequência das obras para a execução da via expressa.

Diferentemente das outras duas instalações que estão em lugares de concentração de público, a localização dessa vem justamente para minimizar a problemática do esvaziamento desse trecho, apesar de ser um local de grande visibilidade, não se caracteriza como um local de permanência, mesmo que sua “função” fora preestabelecida para isso, por causa da insegurança.







Sua forma remete as escoras presentes nas edificações abaladas por causa das explosões dos túneis da via expressa. Sua casca é permeável justamente para se ver seu interior, um vazio, em que se foi colocado um balanço para contrapor esse estado, fazendo um convite ao seu preenchimento e a outras possibilidades usos. O balanço também tem como função a reflexão sobre o estado de arruinamento, em que ao se balançar se tem como visão a ruína a sua frente, ou no sentido contrário, a sua causa para o seu estado, no caso, a Via Expressa.

## Instalação 2 – Cheios Invisíveis

*Localização:* Largo da Soledade

*Locais de vulnerabilidade:* Vilas na ladeira da Soledade e Sanatório Ana Nery

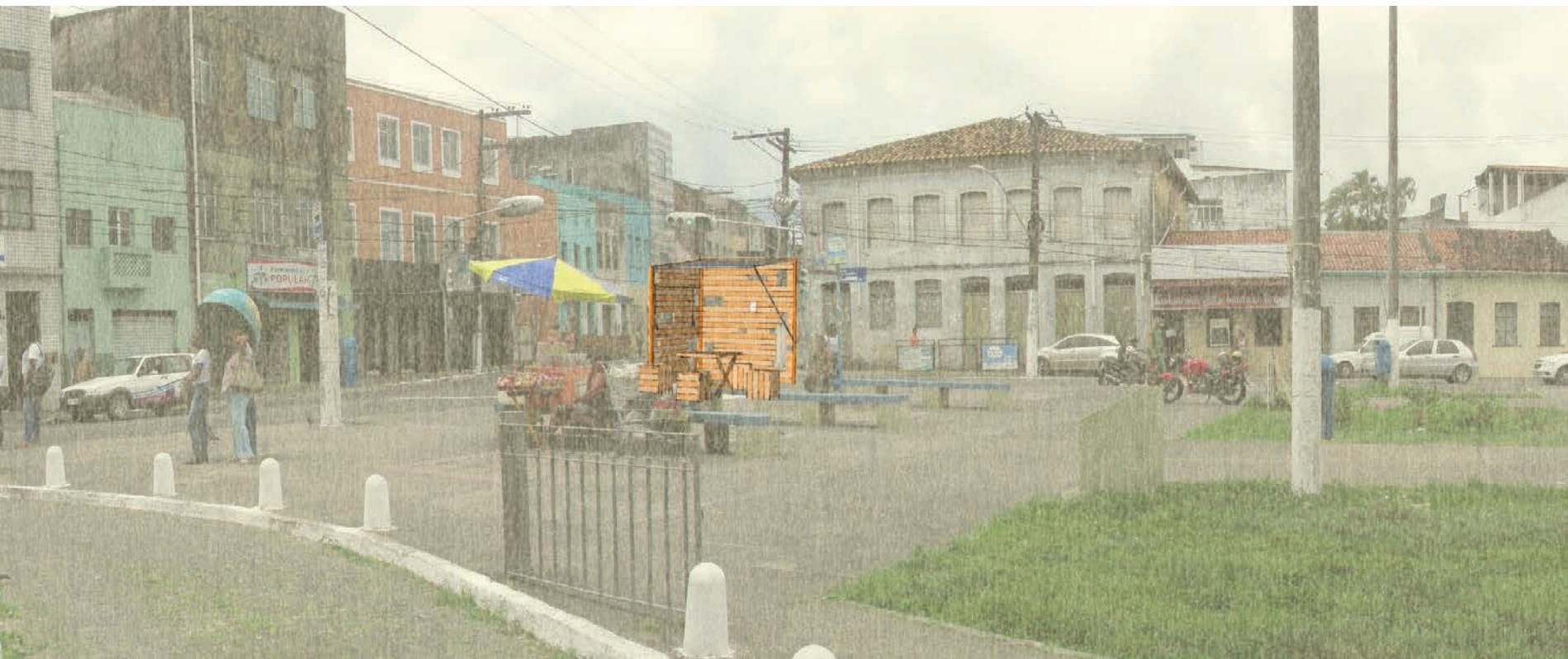
Revelar o que estar por detrás daquelas cascas, o que não vemos por fora, um mundo há ali dentro. Cheios Invisíveis mostra esse universo escondido das vilas localizadas na ladeira da Soledade e do sanatório Ana Nery, onde suas histórias passam despercebidas do imaginário, velados por paredes que diferem da complexidade desses espaços, dos seus diversos arranjos e apropriações.

Formado por duas cascas, a instalação revela o seu conteúdo apenas em seu interior, trazendo a ambiência dessas relações para o visível, descoberto pelo ângulo que se vê, ou pelas frestas em suas cascas para atizar a curiosidade.

Localizada em um espaço árido e desprovido algum elemento de proteção contra insolação e intempéries, a instalação também interfere no espaço urbano fornecendo um abrigo temporário aos usuários do ponto de ônibus, minimizando essa carência local. Além disso, no seu espaço “interno” foi idealizado para ser acolhedor, íntimo, mas não privado, que favoreça as relações de convivência e troca, é a mesa e as cadeiras para jogar, para conversar, é a tomada para “ligar um som” ou carregar o celular.







### Instalação 3 – De Costa para a Encosta

*Localização:* Largo da Lapinha

*Locais de vulnerabilidade:* Amarelinho, Ladeira São Francisco de Paula, Prédio Water Center (A Geradora)

Enquanto os outros locais de vulnerabilidade, presentes nas outras duas instalações, têm de alguma forma uma visibilidade, a partir desse eixo de reconhecimento principal do bairro, os locais retratados nesta, apresentam em comum a invisibilidade, pois estão na encosta, abaixo do nível da rua, escondidos, pois existe quase que uma negação da vista para o mar, e da encosta, por causa do tecido urbano ser composto em sua grande maioria por casas germinadas, além do sol poente, deixando o fundo das casas para o mar, sendo da Água de Meninos que esses espaços se revelam com mais força, onde são latentes na paisagem.

O desenho da instalação remete ao corte da encosta, enfatizando a localização desses locais. Contendo um banco, para suprir a falta de acentos embaixo da cobertura do ponto de ônibus, ao sentar-se, o usuário corporifica a situação desses locais, dando as costas para a encosta, para o que ela pode apresentar, negando-a.







## **Ação Urbana - 2**

### **Intervenções de Aproximação**

*(de curta duração)*

Essa etapa consiste em uma aproximação maior com os moradores dos locais de vulnerabilidade através da realização de ações de caráter rápido e prático, resultando em alguma melhoria, mesmo que mínima, mas real, para as comunidades.

Estipula-se uma duração de no máximo um final de semana em cada um dos locais, que é quando a maioria dos moradores estão em casa, possibilitando assim a participação de um maior número de pessoas possíveis. A ideia também seria convidar para que cada comunidade fosse participar da ação da outra, com o intuito de fortalecer relações associativas, possibilitando trocas.

Como o objetivo dessa intervenção é a aproximação com o outro, legitimando seus saberes para um processo de empoderamento, com isso, desconstruir a hierarquia absoluta do arquiteto como detentor da forma faz parte da busca de um diálogo mais horizontal. A princípio a ideia era levar um desenho pronto para ser confeccionado de forma rápida, em que seu resultado já seria previsto, porém percebeu-se que isso se tornaria contraditório, pois se manteria o processo de se impor uma forma e uma técnica, deixando os moradores a parte do processo de criação, então, a proposta era não levar um desenho pronto, mas a ideia de algo, e construir em conjunto esse objeto, em que sua forma não poderia ser prevista até a finalização de sua execução, pois sofreria a todo momento interferências, seria a sobreposição das experiências que resultaria em seu aspecto plástico.

Além de agregar, essa etapa busca também estabelecer uma relação confiança entre as partes, criar um vínculo de reciprocidade e respeito, um conhecimento mútuo, e com isso, possibilitando a descoberta de novas problemáticas, em que muitas vezes não são idealizadas pelos seus moradores porque já estão internalizaram uma realidade de poucas mudanças em suas condições de vida.

As intervenções realizadas em cada local de vulnerabilidade seriam registradas e expostas nas instalações para serem vistas pelo restante do bairro.

### **Itinerância da Instalações**

As instalações para manterem seu caráter de inquietação visual no espaço urbano não podem ficar por um período muito grande no mesmo lugar, pois assim virariam mais um elemento da paisagem. Na fase das Interferências Urbanas, ficariam em seus locais iniciais durante duas a três semanas; quando comessem as Inter-

venções de Aproximação, durante esse período, as instalações assumiriam uma itinerância, alternando entre os seus locais iniciais e sendo alocadas também em outras partes do bairro. Acredito que essa itinerância possa ser bastante interessante, principalmente em deslocar um objeto que assume um caráter de centralidade para locais com menos visibilidade, fico curioso em saber como seria a diferença dos processos de apropriação entre esses dois tipos de espaços, um em que todos estão observando e sendo observados e um outro mais intimista, com uma relação maior de vizinhança, as possibilidades são múltiplas, assim como, o surgimento de novos locais de vulnerabilidade a partir dos próprios moradores.

Após as Intervenções de Aproximação, as instalações voltariam aos seus lugares iniciais para mostrar o processo em cada um dos locais em que houve as intervenções, ficando por mais duas a três semanas novamente e de forma itinerante depois, sendo retirados após esse período.

Como as Intervenções Estruturantes têm um tempo maior de atuação, sendo mais demorado e incerto suas ações e resultados, as instalações só voltariam a aparecer ao término de alguma intervenção, para que seu resultado seja compartilhado como o restante do bairro, mostrando assim as possibilidades que a ação pode ter, e principalmente, o que eles mesmos podem produzir e modificar no espaço que habitam.

### ***Ação Urbana - 3*** **Intervenções Estruturantes** *(de longa duração)*

Nessa etapa seria discutido junto com cada comunidade os problemas encontrados, o porque deles existirem, suas relações micro e macro, e as possibilidades de solução. É importante frisar que esses novos arranjos devem partir principalmente pelos próprios moradores e que o arquiteto teria o papel de provocar, instigando essa capacidade criativa coletiva e fornecendo fundamentos teóricos e técnicos, mostrando exemplos de outros lugares, compartilhando seus conhecimentos, onde mais importante do que o desenho, o projeto, é propiciar o empoderamento dos habitantes sobre o espaço onde vivem, criando-o de forma consciente, estabelecendo trocas e criando uma coletividade questionadora contra as ações impositivas de grupos hegemônicos, além de também reivindicar junto aos órgãos públicos seus direitos, principalmente em situações que exigem um maior grau de complexidade e de recursos.



*Ação Praticada*

**Intervenção de Aproximação  
no Amarelinho**

## Ação praticada: Intervenção de Aproximação no Amarelinho

Esse foi um dos momentos mais importantes desse trabalho, pois era resultado de dois impulsos pessoais, o primeiro deles que era de tornar esse TFG de alguma forma prática, real, e isso já se tinha iniciado na confecção dos estandartes do Terno de Reis da Lapinha, porém ainda não estava satisfeito, faltava algo, faltava fazer onde se havia uma maior necessidade. O segundo impulso era depois de toda a análise feita, ver o como tais conceituações seriam rebatidas sobre o espaço real daquelas pessoas, como reagiriam, isso era um questionamento, e ainda é, muito grande, pois as ideias apresentadas ao longo desse trabalho, apesar de terem uma essência, seu caráter experimental é o predominante, não há certezas, o que há são tentativas e a busca de outras possibilidades de construção da cidade.

Como não havia a possibilidade da realização prática de todas as etapas desse trabalho, por causa de sua complexidade, pois necessitaria de recursos financeiros, de mais pessoas e principalmente a temporalidade que o próprio trabalho exige, não sendo compatível com o tempo acadêmico, que não deixa de ser um tempo hegemônico só que de produção de um determinado tipo de conhecimento. Com isso, dentre os locais de vulnerabilidade, a comunidade do Amarelinho foi escolhida como exemplo a ação de Intervenção de Aproximação, pois era o local com maior facilidade de acesso, já que ali atuava a Pastoral da Criança e de Ação Social da Lapinha<sup>35</sup>. Essa etapa foi a escolhida para ser desenvolvida por gerar um produto para a comunidade, além de ser uma ação de curta duração. É importante comentar que assim como no exemplo do Design Possível, em que sua atuação ocorre normalmente em comunidades que já têm outros grupos sociais atuando, no caso do Amarelinho, já ter a pastoral da Lapinha ali presente, facilitou bastante o processo de comunicação, de agregação e principalmente de aceitação da comunidade.

A princípio, em conversas com a pastoral da Lapinha, o objetivo era fazer bancos, mesas de madeira para criar uma área de convivência, que já é utilizada nas frentes das casas. Porém, durante o processo de diálogo, me foi informado que eles conseguiram dois bancos de concreto compridos, com isso, o produto em si teria que ser adaptado integrando esses novos velhos bancos. Em uma nova visita a comunidade, para ver os bancos e suas medidas, perguntei se eles gostaram do banco, como é que eles estavam sendo utilizados e me foi reportado que o pessoal gostava de ficar jogando dominó em um deles, isso me fez perceber que a ideia de se fazer bancos e mesas não era mais cabível, pois o espaço não comportava mais e as práticas dos habitantes indicavam outras possibilidades.

35 - As pastorais, são núcleos dentro de cada igreja católica com o objetivo de realizar algum trabalho específico. A Pastoral da Criança tem a função de “acompanhar as crianças da faixa etária de 0 a 6 anos de idade, prevenindo contra a desnutrição”. A Pastoral de Ação Comunitária (Social) “tem como objetivo a evangelização entre seus membros e dar assistência às famílias carentes que necessitam do pão da e do sustento material.” (LAPINHA, 1997)



A partir dessa constatação, a ideia agora era potencializar a prática existente, o dominó, fazendo dois bancos pequenos para que se pudesse jogar em duplas. Mas o objetivo não era simplesmente entregar os bancos para eles, mas fazer juntos, mostrando as possibilidades da reutilização de materiais, de desenho e as experiências que eles podiam passar.

A intervenção iria ocorrer a princípio junto com uma ação que a pastoral da Lapinha realizaria, porém percebi que isso poderia confundir as coisas e dispersar a atenção, então, a ação da pastoral que culminou no seu final com um almoço na comunidade e serviu para convidar a comunidade a fazer o banco no outro final de semana, além de conhecer Seu Reginaldo, um senhor que teve uma participação importante nesse processo. Todo o método de aproximação realizado, foi feito de forma devagar, sempre tomando cuidado para ser o menos impositivo possível e buscando ter a confiança dos moradores. O meio de semana entre os dois eventos foi bastante corrido para arrumar os materiais que seriam levados, transportar os paletes, confirmar com as pessoas, entre outras coisas. Como todo esse processo é uma grande experiência, não sabia se os moradores iriam de fato ajudar a fazer os bancos, para isso, chamei dois amigos, André e Rogério, para me ajudarem, pois caso não ocorresse a cooperação dos moradores, pelo menos conseguiríamos deixar lá um produto finalizado.

No dia 15 de novembro, um sábado, era a data combinada para ocorrer a intervenção. A ideia era fazer todo o processo da confecção dos bancos na comunidade, desde o desmonte dos paletes, até sua finalização, poderíamos ter levado os paletes já desmontados, seria mais fácil, mas achei que era importante manter essa etapa, pois mostrava a desmaterialização de um objeto para se tornar outro, e com isso, as possibilidades de reutilização de materiais que se encontravam em seus cotidianos.

Já era sábado, o dia da intervenção, e com ele as incertezas do que poderia acontecer. Separa, busca, pega, guarda e fomos para o Amarelinho. Chegando lá tinha a primeira questão a ser feita, pegar os paletes que se encontravam na igreja da Lapinha, achei importante que a participação deles deveria começar desde aquele momento, era preciso ser o menos assistencialista possível. Consegui a ajuda de dois homens para ajudar a pegar os paletes, enquanto eles transportavam, eu, André e Rogério íamos pegando os outros materiais e o nosso almoço, que era um pouco da feijoada da semana passada realizada lá, deixamos a panela com o feijão em uma das casas e fomos desmontar os paletes. A princípio, havia uma estranheza, primeiro porque era a primeira vez que eu estava indo ali, sem que ninguém da pastoral da Lapinha estivesse me acompanhando, segundo havia um questionamento em seus olhares, o que de fato eu estava querendo fazer. Um rapaz me pergun-

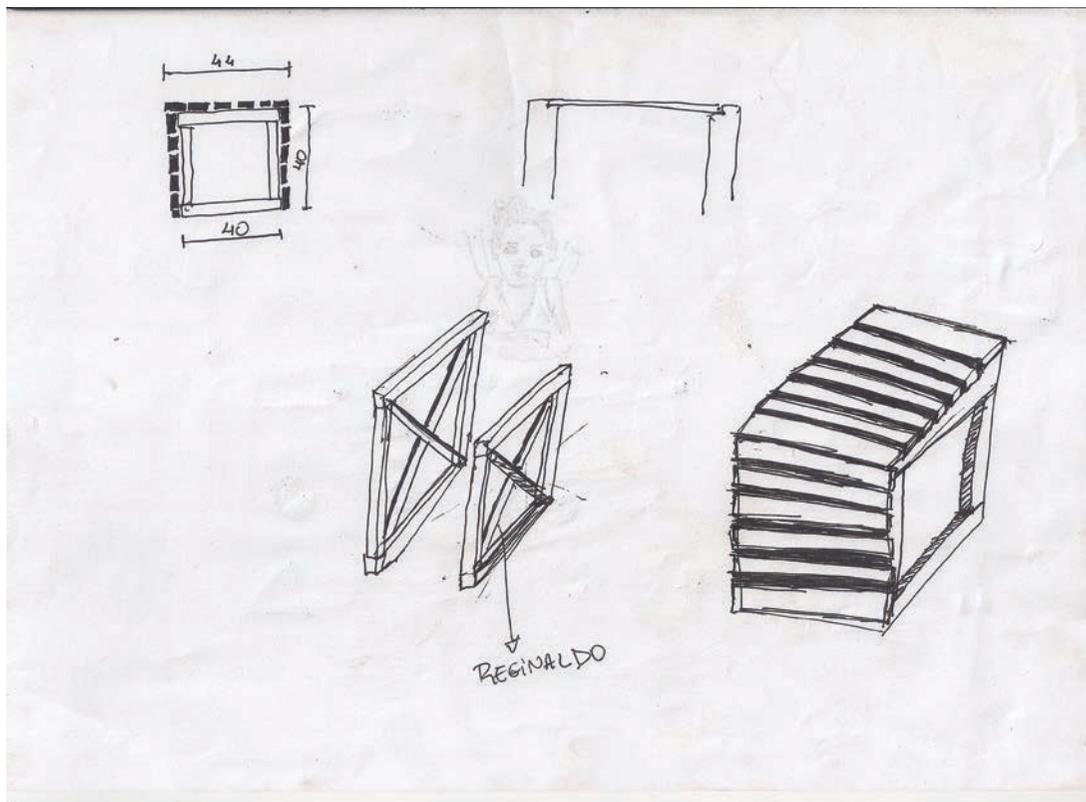


tou o que eu faria com aqueles paletes, quando falei que era para fazer os bancos para jogar dominó, houve um questionamento de como aqueles paletes virariam os bancos, então, percebi naquele momento a importância que foi levar os paletes montados na desconstrução do olhar, daquilo que era óbvio, e com isso, a expansão de possibilidades do que já estava presente. Enquanto desmontávamos os paletes, apareceu uma pessoa que iria nos ajudar bastante, era Mudinho, um homem de uns 35 a 40 anos que apresentava uma deficiência na audição e na fala, perguntei para outras pessoas qual seria o verdadeiro nome dele, mas todos só o conheciam como tal, na verdade ela já tinha aparecido, foi um dos homens que ajudaram no transporte dos paletes. Enquanto eu desmontava os paletes de forma bastante lenta, Mudinho tomou a dianteira do trabalho, e de forma muito mais rápida começou a desmontá-los; percebia-se uma técnica desenvolvida que eu não tinha, um domínio maior do material, das ferramentas. No geral, a maioria das pessoas ficavam olhando, saíam de suas casas, davam uma espiada e depois voltavam, quem ficava mais presente eram as crianças, sempre atentas e questionadoras; o rapaz que tinha perguntado no início o que faríamos com os paletes, também começou a ajudar.

Nesse momento, já estava achando tudo fantástico, mais pessoas passavam e ficavam olhando, sem contar o processo de comunicação estabelecido com Mudinho, ali na hora, com gestos, mímicas; com certeza as possibilidades de diálogos com o outro sempre é possível, por tanto que ambas as partes assim queiram, não nos fechando para um determinado tipo de canal, representação ou linguagem, podemos expandir a interlocução com o outro se assim quisermos.

Após o desmonte dos paletes, começamos a lixar as madeiras, uma tarefa ingrata, porém uma das mais importantes, pois ela que proporciona uma nova aparência ao material, valorizando-o, isso já era por volta do meio dia e o sol estava a pino e poucas pessoas estavam presentes na rua.

Quando já tínhamos um bom número de madeiras lixadas, resolvi que precisava fazer o desenho do banco. Na verdade, esse desenho já existia, tinha-o modelado tridimensionalmente, mas achei que se levasse um desenho consolidado, sua própria linguagem poderia intimidar o diálogo com os moradores, então resolvi que passar a ideia do banco ali, na hora, fazendo a construção do desenho, seria mais interessante. Felizmente essa ideia deu muito certo, enquanto começava a desenhar, as pessoas começaram a ficar em volta, principalmente as crianças, olhavam curiosamente para o que saíria dali. Isso facilitou bastante o processo de aproximação e diálogo, depois que me viram desenhar, as crianças começaram a querer desenhar também, não projetos, mas seus imaginários, os personagens dos desenhos animados, era uma troca que estava ali se estabelecendo, de saberes, cada vez mais ficava



croqui do desenho do banco realizado na intervenção.





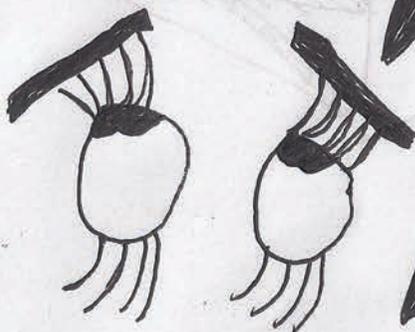
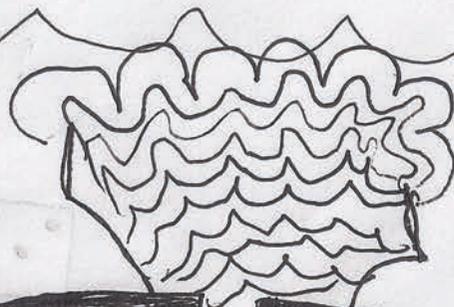
satisfeito com o trabalho e os rumos que eles estava tomando e em perceber que os processos teóricos estavam se tornando reais na sua praticidade.

Foi ai que apareceu Seu Reginaldo, um dos fundadores do Amarelinho, carpinteiro, quando viu o desenho do banco no papel foi se aproximando e começou a modificá-lo, sugeriu formas de contraventamento, de como seria pregado, e aos poucos o banco ia tomando uma nova forma, em que eu interferia muito pouco, apenas tentando entender o que Seu Reginaldo estava propondo. É interessante saber, que a forma plástica que o banco estava tomando não me agradava visualmente, estava se tornando um banco comum, porém isso era a minha visão já condicionada a um padrão cultural, assim como, a visão de Seu Reginaldo estava condicionada ao padrão cultural dele, relativizar esses dois padrões é importante para que se mantenha o diálogo, pois se não ficará sempre um processo de imposição, seja de qual parte for. Outra coisa que é importante a se pensar é se esse padrão de Seu Reginaldo é algo que lhe foi imposto socialmente, apesar de achar interessante outros arranjos, de qualquer forma, o meu padrão também me foi imposto, então, surgir um desenho que atenda as necessidades reais do local a partir dessa interseção, necessitaria da desconstrução desses padrões, ou, pelo menos, de suas fronteiras, para se chegar a uma forma que atenda de fato as necessidades ali expostas.

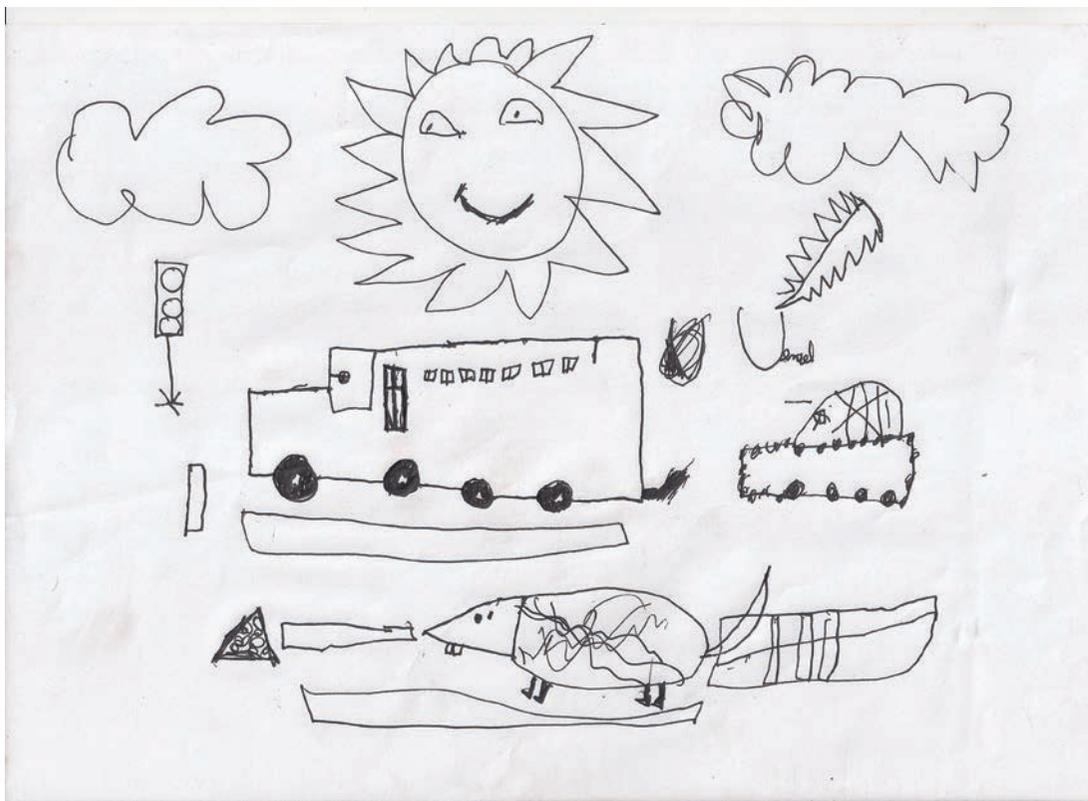
Durante a execução do banco, Seu Reginaldo também nos auxiliou no corte das madeiras e nos emprestou sua furadeira e sua serra circular, novamente, a transmissão de conhecimentos e a vontade de querer compartilhar foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Por se tratar de uma madeira macia, de pinus, preferi utilizar a minha serra tico-tico, pois achava mais rápido e o acabamento era melhor, isso mesmo Seu Reginaldo insistindo para que eu usasse a sua serra circular, mas com cuidado, fiz um teste mostrando como a serra tico-tico tinha um desempenho melhor naquela ocasião. Nesse momento já estava mais à vontade em também expor a minha técnica, para assim, criar uma relação de troca de fato. Ocorreu também que o banco foi tomando uma nova forma mesmo depois das intervenções de Seu Reginaldo no papel, em verdade, houve também uma má interpretação minha daquilo que ele me falou, em que só se configurou no processo de montagem do banco, no qual, Mudinho também ajudou na solução do seu desenho, com isso, a forma do banco era mutável a depender da condição que acontecia no momento.

Enquanto estávamos no processo de montagem dos bancos, percebemos que tínhamos lixado muito mais madeiras do que precisávamos, fruto do novo desenho do banco, contudo, esse excedente de material proporcionou um dos momentos mais fantásticos dessa ação, em que condensou todos os esforços até então, e justamente

Ass: bailone thalia Silvia Santos



Ass: bailone



Desenhos realizados pelas crianças



realizado pelo poder criador, inquietante e revolucionário das crianças, talvez pelo fato de sua visão de mundo ainda não estar tão condicionada, em que em seu imaginário tudo é permitido, pode ser sonhado, e se assim o é, pode ser criando então. Elas que estavam ali a todo o momento, com seus olhares atentos, suas perguntas constantes, foram, sem dúvida, as que absorveram melhor todo esse processo de estímulo. “Tio, posso pegar esse pedaço que está sobrando”, “e esse aqui, pode pegar também” e foi assim que elas em seu ato de criação, brincando é claro, primeiro fizeram uma fogueira, mas forma impedidas depois, como a brincadeira não podia parar, na verdade, estava só começando, elas começaram a fazer uma casa, apoiando-se no barranco existente, testando diferentes tipos de cobertura e ao final do processo de montagem dos bancos, ao olhar para trás, vejo a formação daquele espaço criado por elas, e o que era a princípio apenas uma suposição teórica, o processo de estimulação da comunidade se materializava naquele momento de forma bastante surpreendente para mim, foi muito gratificante ver aquele resultado, de ter conseguido sensibilizar aquelas mentes e principalmente pelo fato delas estarem em um processo de formação ainda, sem estarem ainda muito condicionadas.





## Considerações finais

A realização desse trabalho foi bastante singular em minha formação acadêmica. Tentar entender esse vazio da Lapinha me fez perceber o quanto eu a desconhecia, e ainda desconheço. São sempre várias camadas sobrepostas revelando novos imaginários; revelá-lo é desconstruir esse vazio, é preencher com a experiência do outro e a sua forma de agir sobre o espaço habitado.

Um fator importante nesse tipo de abordagem é o tempo maior para se entender o outro, sua forma de pensar e de habitar; negociar, dialogar essa ação requer uma dinâmica mais cadenciada que estamos acostumados a conduzir na arquitetura e no urbanismo. Em consequência disso, a própria temporalidade desse trabalho foi maior que o habitual na faculdade, estendendo-se por 4 semestres acadêmicos, mas com duração de 1 ano e meio cronologicamente.

As etapas da metodologia aqui apresentada não é algo fechado, pelo contrário, ela não passou ainda pela interferência do outro, modificações, adaptações é algo quase certo. Seria preciso experimentá-la para saber quais seus pontos a serem mantidos e quais seriam alterados. Mas para sua atuação de forma efetiva sobre o espaço urbano, da forma em que está, seria preciso uma equipe multidisciplinar atuando e dando suporte a várias questões que só a prática poderia mostrar. Ou seja, o trabalho não está fechado em si, ele está colocado para ser debatido, explorado, experimentado.

A ação praticada no Amarelinho foi fundamental para confirmar a possibilidade desse tipo de ação, mostrando a riqueza que o diálogo mais horizontal pode trazer para ambas as partes, e o principal, em ter motivado justamente as crianças e seus imaginários ainda férteis e livres.

O diálogo com o outro é uma das questões mais sensíveis que se pode ter, compartilhar o conhecimento que se tem sem se sobrepor é algo que só a experiência pode trazer. A busca em provocar o olhar e mostrar a existência de novas possibilidades, de novos desenhos, é algo que me conduz; é atuar naquilo que é micro, é revolucionar o agora, mesmo que seja mínimo, façamos então as micro-revoluções!

Agir sobre a cidade me fez rever minha própria atuação como pessoa, me desfazendo de conceitos e aprendendo novas outras possibilidades. Para encarar

esse espaço tortuoso é preciso uma nova postura, é preciso ser mais arquitorto, é fazer com que seu corpo seja alterado pelas dinâmicas do lugar, modificando-se pelo olhar do outro, e provocando-lhe com o seu novo olhar.

Por último, gostaria de agradecer a Paola e Ariadne pelas inquietações, provocações, desestabilizações sobre mim; só tenho a agradecer por terem me mostrado essas outras formas de ver e de agir, possibilitando novos desenhos!

## Referências

CURIAR. Gantois e entorno: apreensão, cartografias e ação. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014

DE BIASE, Alessia. Por uma postura antropológica de apreensão da cidade contemporânea. Redobra, Salvador, n. 10. 2012, p. 190-206

DE CARLO, Giancarlo. Entrevista realizada no dia 1 de agosto de 2002, no estúdio de Giancarlo De Carlo, em Milão, e disponibilizada no Portal Vitruvius em novembro de 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/08.032/3292?page=6>. Acesso em 22/07/2014.

EMAU. Disponível em: <http://www.fenea.org/projetos/EMAU>. Acessado em: 25/10/2014



GEOPOLIS. Mapas Municipais. Disponível em: <http://geopolis.ba.gov.br/>. Acesso em 30/01/2014

IGREJA DA LAPINHA – Estilo Mourisco no Brasil. Disponível em: <http://www.gazetadebeirute.com/2013/08/igreja-da-lapinha-estilo-mourisco-no.html>. Acessado em: 03/04/2014

IPAC. Dossiê Soledade – Diagnóstico e Proposta de Preservação. CARDOSO, Luiz Antonio Fernandes (Coord.). Convênio IPAC/UFBA. 2011

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador : EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 4.ed. - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2011

\_\_\_\_\_. Montagem urbana. Corpocidade 4. Salvador. 2014, p 176-177

LAPINHA. Lapinha das Tradições e Ternos de Reis. Pinto, Pe. José Souza (Org.). 1997

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n.49 – São Paulo, jun. 2002

MARQUES, Monique Sanches. Subjetividades e singularidades urbanas: na construção de um “devir” outro arquiteto urbanista. 2010. 286 f Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

PÊPE, Suzane Pinho; RIOS, Izenilda Freitas da Silva. A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL DO BAIRRO DA LAPINHA (SALVADOR). Diálogos & Ciência — Revista da Rede Ensino FTC. Ano V, n. 9, mar. 2007

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades. Redobra, Salvador, n. 9. 2012, p. 58-71

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. “Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?”. In: VELHO, Gilberto (org). Rio de Janeiro, Editora Campus. 1980, p. 37-57

SANTOS, Milton. Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. 5. ed., 3.reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

URIARTE, Urpi Montoya. Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. Redobra, Salvador, n. 10. 2012, p. 171-189

VOLPINI, Lorena. Vizinhança e lealdade, fofoca e prestígio: conhecendo regras e valores em um bairro popular da velha Salvador. In: FILHO, Milton Júlio de Carvalho; URIARTE, Urpi Montoya (Org.). Panoramas Urbanos: usar, viver e construir Salvador. - Salvador: EDUFBA, 2014, p. 177-201

OBS: Todas as fotos desse trabalho são de autoria do autor, e foram realizadas entre julho de 2013 a dezembro de 2014.  
As de autoria de terceiros foram discriminadas na própria foto.